

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Processo Saúde-Doença em Contextos Institucionais

Mariana Souza da Silva Squefi

**A arte de educar: esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas
parentais**

Orientadora:
Profa. Dra. Ilana Andretta

São Leopoldo, dezembro de 2016

MARIANA SOUZA DA SILVA SQUEFI

A arte de educar: esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas parentais

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora:
Profa. Dra. Ilana Andretta

São Leopoldo, dezembro de 2016

S773a Squefi, Mariana Souza da Silva
A arte de educar : esquemas iniciais desadaptativos e
habilidades sociais educativas parentais / por Mariana Souza da
Silva Squefi – 2016.
101 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Psicologia, São
Leopoldo, RS, 2016.

“Orientadora: Profa. Dra. Ilana Andretta.”

1. Esquemas iniciais desadaptativos (EIDs). 2. Habilidades sociais
educativas parentais (HSE-P). I. Título.

CDU: 159.9

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

Dedico este trabalho a todos os pais e
mães que vivenciam a arte de cuidar e
educar seus filhos

Agradecimentos

Agradeço à vida por me proporcionar mais este momento de aprendizado.

A minha escolha profissional, psicóloga clínica, oportunizar-me trabalhar com pessoas, visando compreendê-las nas suas mais difíceis dores e querer ajudá-las cada vez mais.

Aos pais e mães do consultório que confiam no meu trabalho e entregam o seu bem mais precioso, que é o seu filho em busca de ajuda e orientação.

Agradeço aos meus pais Vera e Heitor pelo afeto e admiração e aos meus irmãos, Juliana e Leonardo, pelo companheirismo e cuidado.

A toda minha família por compreenderem de alguma forma muitos momentos ausentes, que tive que fazer escolhas entre a dedicação no meu projeto e passar momentos com vocês.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus sobrinhos e afilhados, crianças especiais em minha vida. Obrigada pelo sorriso e por me proporcionarem momentos tão simples, mas muito especiais ao lado de vocês, que fazem eu esquecer e pensar que a vida é muito mais simples do que imaginamos ser, ao demonstrarem a sensibilidade mais pura de uma criança, que nós adultos muitas vezes não conseguimos mais enxergar.

Agradeço ao meu marido, meu amor, que esteve comigo desde a escolha desta trajetória e acompanhou e compreendeu sempre meus períodos de dedicação ao trabalho, aplaudindo as minhas conquistas e incentivando quando tudo estava tão difícil.

Agradeço às minhas amigas pela parceria e carinho de sempre, Bruna Severo, Dóris Colares, Bruna Borba e Kamila Scheffel. Em especial, a minha amiga Paula Fortes por acreditar em mim, apoiar-me em momentos tão complicados na minha vida.

Agradeço a Emanuelli Beneton, amiga e integrante do nosso grupo de pesquisa, que me ajudou e se dedicou para a minha pesquisa, mostrando sempre que conseguiríamos chegar ao final nas coletas. Sempre disposta a me ajudar, apostando sempre nos resultados positivos da pesquisa. Agradeço também a todos integrantes do nosso grupo de pesquisa ICCep, em especial a Vanessa Trintin e Rafaela Frizzo.

Agradeço a minha orientadora, que me acolheu em sua sala e me auxiliou desde a construção do meu tema. Palavras ditas por ela jamais serão esquecidas, pois foram sendo confirmadas em cada passo de conhecimento que fui apresentando nesta trajetória. Ilana Andretta, obrigada por me mandar mensagens de incentivo e carinho em todos os momentos.

Agradeço aos professores da banca, Denise Falcke, Ricardo Wainer e Alessandra Bolsoni-Silva que, além de terem aceitado o convite, contribuíram com pontos muito relevantes na construção deste projeto.

Por fim, agradeço aos participantes da pesquisa, pois sem eles esta trajetória não teria acontecido. Dedicaram seu tempo respondendo questões longas e íntimas da sua história de vida e da relação com seus filhos.

Que esse trabalho possa contribuir de alguma forma em melhorias na interpretação parental e que proporcione um novo olhar aos pais e educadores sobre a arte de cuidar e educar as crianças.

“Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”.

Jean Paul Sartre

Sumário

Resumo.....	6
Apresentação da Dissertação	6
Artigo I.....	10
Resumo	10
Introdução.....	12
Método.....	16
Delineamento.....	16
Participantes	16
Instrumentos	17
Procedimentos	20
Análise de Dados.....	21
Resultados	22
Discussão	25
Considerações Finais.....	32
Referências.....	33
Artigo II	40
Resumo	40
Introdução.....	42
Método.....	45
Delineamento.....	45
Participantes	45
Instrumentos	46
Procedimentos	48

Análise de dados.....	50
Resultados	51
Discussão	53
Considerações Finais.....	57
Referências.....	58
Considerações Finais da Dissertação	63
Referências da Dissertação	66
Apêndices.....	70
Apêndice A – Questionário Sociodemográfico.....	70
Apêndice B – Aprovação do Comitê de Ética	95
Apêndice D – Questionário de Esquemas de Young— YSQ – S3	96

Lista de tabelas

Artigo I

Tabela 1 – Descrição dos Domínios e Esquemas Iniciais Desadaptativos (Young, 2003)	14
Tabela 2 – Escores dos domínios e EIDs.....	23
Tabela 3 – Escores das HSE-P.....	24
Tabela 4 – Correlação entre os domínios, EIDs e HSE-P	25

Artigo II

Tabela 1 – Diferenças entre pais e mães em relação aos EIDs.....	52
Tabela 2 – Diferenças entre pais e mães em relação as HSE-P	53

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
EIDs	Esquemas Iniciais Desadaptativos
DEs	Domínios Esquemáticos
HSE-P	Habilidades Sociais Educativas Parentais
ICCEP	Intervenções Cognitivo-Comportamentais: Ensino e Pesquisa
IHSE-Pais	Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão Pais
PAAS	Projeto Ampliado de Atenção à Saúde
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
YSQ-S3	<i>Young Schema Questionnaire short form 3</i>

A arte de educar: esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas parentais

Resumo

Diferentes características parentais podem inferir nas habilidades de educação em relação aos filhos, assim como seus esquemas mais profundos de interpretação sobre práticas de educar. Nesse sentido, esta dissertação é composta por dois estudos empíricos acerca dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P). Participaram 154 pais (46 pais e 108 mães) residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre. Para ambos estudos se utilizou um questionário de dados sociodemográficos, o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young (YQS-S3) e o Inventário de habilidades Sociais Educativas – Pais (IHSE-Pais). O primeiro artigo objetivou descrever e identificar associações entre os domínios, EIDs e as HSE-P. Os resultados identificaram que alguns EIDs se correlacionaram com HSE-P (Afeto e Atenção, Induzir Disciplinas e Organizar Condições Educativas). O segundo estudo objetivou comparar os EIDs e as HSE-P entre pai e mãe. As mães demonstraram ser mais habilidosas na comunicação, estabelecer limites, mas também apresentaram mais EIDs que os pais, que na maternidade podem influenciar nas habilidades maternal em educar e estimular os filhos. Acredita-se que os resultados encontrados possam promover reflexões sobre intervenções de treino de pais no âmbito clínico, que visem a menor ativação de EIDs parentais como prevenção de estímulos educativos nos filhos.

Palavras-chave: Esquemas Iniciais Desadaptativos, Habilidades Sociais Educativas Parentais.

The art of educating: Early Maladaptive Schemes and Parental Social Educational Skills

Abstract

Different parental characteristics can be inferred in the education skills in relation to their children, as well as their deeper schemes of interpretation on practices of educating. In this regard, this thesis is comprised of two empirical studies on the Early Maladaptive Schemas (EMS) and Parental Social Educational Skills (P-SES). The participants were 154 parents (46 fathers and 108 mothers) living in the metropolitan area of Porto Alegre, Brazil. A questionnaire of sociodemographic data, the Jeffrey Young Schema Inventory and the Social Educational Skills Inventory for parents of Del Prette and Del Prette were utilized in both studies. The first article aimed at describing and identifying associations between the domains of EMS and P-SES. Results indicated that some EMS correlated with P-SES (affection and attention, inducing disciplines and organizing educational conditions). The second study aimed to compare EMS and P-SES between mothers and fathers. Mothers presented more skills in communication and limits. In addition, they showed greater EMS activation than fathers, which can influence maternal skills in educating and stimulating children. This outcomes can promote reflections in the clinical context of parental training interventions, which aim to lower EMS parental activation as a prevention of educational stimuli in children.

Keywords: Early Maladaptive Schemes, Parental Social Educational Skills.

Apresentação da Dissertação

Nas últimas décadas, observou-se um aumento de pesquisas nacionais e internacionais relacionando a família e a sua influência no desenvolvimento normal e patológico da infância e adolescência (Flach, Lobo, & Potter, 2011). Neste sentido, muitos estudos acabam associando problemas das crianças a práticas inefetivas de educação, com objetivo de ampliar o repertório de práticas educativas positiva dos pais com seus filhos. Estes estudos acabam não aprofundando o que pode estar por trás de práticas educativas deficitárias, podendo não acolher e auxiliar os pais nesta difícil tarefa de educar, assim como não alterar comportamentos disfuncionais em práticas educativas (Alvarenga & Piccinini, 2009; Brasil & Cia, 2013b; Cia, Pamplin & Del Prette, 2006; Eames et al., 2010).

A arte de educar os filhos envolve diversas características dos pais que podem prejudicar a relação parental, como estruturas de percepção irrealistas sobre fatos, que muitas vezes apresentam difícil mudanças comportamentais dos pais com seus filhos (Azar et al., 2005). Avançando no modelo de esquemas de Aaron Beck, Young (2003) denomina essas estruturas de interpretação como Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), que influenciam nas interpretações realistas, em aspetos mais profundos e agem como verdades incontestáveis. Assim, acredita-se que os EIDs podem interferir no sistema de crenças e regras em relação ao processo de educação dos seus filhos o qual, muitas vezes, podem influenciar os cuidadores não conseguirem atender demandas necessárias para um desenvolvimento socioemocional infantil saudável (Azar, Reitz, & Goslin, 2008).

No eixo dos papéis sociais, os pais além de ocuparem um importante papel no desenvolvimento dos seus filhos são os seus primeiros agentes socializadores e, muitas vezes, apresentam comportamentos de estímulos educativos deficitários no seu

repertório comportamental. No entanto, pouco se fala sobre o processamento cognitivo mais profundo acerca da maternidade e paternidade e como eles interferem nas habilidades de educação.

Diante das necessidades de estudos que busquem identificar fatores que podem estar relacionados à uma prática inefetiva de educação, a presente dissertação tem como principal objetivo identificar variáveis que ajudem na compreensão das habilidades sociais educativas dos pais, a partir do referencial teórico de esquemas iniciais desadaptativos de Jeffrey Young. Desta forma, a meta deste estudo é mostrar como aspectos identificados a partir do Inventário de esquemas de Young (YSQ-S3) e do Inventário de Habilidades Sociais Educativas – Pais (IHSE-Pais) podem esclarecer dificuldades na relação pais-filhos e para o seguimento do treino de pais.

Nesse sentido, será apresentado na sessão I associações feitas entre os EIDs e as HSE-P, identificando se há correlações entre as habilidades sociais educativas dos pais e seus esquemas desadaptativos de interpretação. Na sessão II, serão identificadas comparações dos EIDs e HSE-P em relação ao gênero, buscando identificar se existe diferença entre pai e mãe. Acredita-se que os resultados encontrados possam auxiliar os pais e profissionais a ampliarem a conceituação cognitiva de crianças, potencializando a eficácia das intervenções posteriores, já que as informações obtidas no processo de diagnóstico da relação criança-cuidador podem ser utilizadas para a psicoterapia da criança, além do tratamento de treino de pais.

Artigo I

Relação entre esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas parentais

Resumo

As habilidades educativas parentais requerem a identificação de especificidades, como aspectos cognitivos de interpretação de pais e mães. O presente estudo visa identificar se os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) parentais relacionam-se com as suas Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P). A partir de um delineamento de alcance correlacional, com abordagem quantitativa, participaram desta pesquisa 154 pais (46 pais e 108 mães), os quais foram incluídos por terem ao menos um(a) filho(a) com idade entre sete e 11 anos, sendo residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre. Os pais responderam um questionário de dados sociodemográficos, o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young (YQS-S3) e o Inventário de habilidades Sociais Educativas – Pais (IHSE-Pais). Como resultados, os pais apresentaram mais domínio de supervigilância e inibição, esquemas de padrões inflexíveis e habilidades de afeto e atenção, e menor habilidades de organizar condições educativas. O esquema busca de admiração apresentou correlação negativa com afeto e atenção aos filhos; e os EIDs de fracasso e vulnerabilidade se correlacionaram positivamente em organizar condições educativas; assim como postura punitiva com induzir disciplinas. Conclui-se que identificar EIDs poderá auxiliar os pais em estratégias educativas saudáveis com seus filhos.

Palavras-chave: Esquemas Iniciais Desadaptativos, Habilidades Sociais Educativas parentais.

Relationship between Early Maladaptive Schemes and Parental Social Educational Skills

Abstract

Parental educational skills require the identification of specificities, such as cognitive aspects of parenting. This study aims to identify if the parental Early Maladaptive Schemas (EMS) relate to their parental Social Educational Skills (P-SES) through a quantitative approach of correlational scope. The sample consisted of 154 parents (46 fathers and 108 mothers), which were included for having at least one child aged between seven and 11 years old, residents in the metropolitan area of Porto Alegre. The parents answered a questionnaire on sociodemographic data, the Jeffrey Young Schema Inventory (YQS-S3) and the Social Educational Skills Inventory for parents of Del Prette and Del Prette. Parents presented more schemes of inflexible standards and skills of affection and attention, and lower abilities to organize educational conditions. The seeking for admiration scheme presented a negative correlation with affection and attention to children; and the failure and vulnerability EMS correlated positively with organizing educational conditions, as well as punitive approach to inducing discipline. It is concluded that identifying EMS can assist parents in healthy educational strategies with their children.

Keywords: Early Maladaptive Schemes, Parental Social Educational Skills.

Introdução

Os pais desempenham um papel importante no desenvolvimento psicossocial dos seus filhos, com modelos e práticas educativas presentes no seu repertório comportamental. As práticas educativas parentais que auxiliam na aprendizagem dos filhos e contribuem para a consolidação de habilidades sociais infantis são denominadas Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2010).

As HSE-P incluem práticas positivas dos pais aplicáveis na educação dos seus filhos, como envolvimento afetivo e atenção, participar da rotina, estimulá-los com jogos e brincadeiras, estabelecer limites na sua educação e indicar para as crianças consequências do seu comportamento para si e para os outros (Del Prette & Del Prette, 2008; 2013b). Em contrapartida, práticas educativas coercitivas, inefetivas ou ritualizadas (agressão física, verbal, ameaças entre outras), podem caracterizar em déficits de habilidades educativas dos pais e como consequência causar prejuízos na relação com os seus filhos (Bortolini & Andretta, 2013).

Nesse sentido, diferentes estudos têm identificado as consequências das HSE-P, com intuito de prevenção de problemas de comportamentos infantis (Bolsoni-Silva & Marturano, 2008; Cia, Pereira, Del Prette, & Del Prette, 2006; Leme & Bolsoni-Silva, 2010). Sabbag e Bolsoni-Silva (2011) investigaram 24 mães e seus filhos adolescentes com problemas de comportamento. Analisaram a relação das HSE-P, práticas educativas e habilidades sociais dos filhos, indicando que quando as mães relataram maiores HSE-P, os filhos apresentavam mais habilidades sociais. No mesmo sentido, Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) identificaram que pais e mães com filhos que não apresentavam problemas de comportamento demonstraram mais HSE-P do que os pais cujos filhos apresentavam problemas de comportamento. Os resultados apontaram que as habilidades no processo de educação dos filhos, assim como o déficit de tais

habilidades, influenciam diretamente no comportamento infantil e na interação social com colegas e adultos (Bolsoni-Silva, Del Prette, & Oishi, 2003).

O déficit de HSE-P pode ser determinado por muitos fatores, os quais variam de acordo com a escolaridade e o nível socioeconômico (Carmo & Alvarenga, 2012), o modo pelo qual foram criados pelos seus familiares (Prebianchi, 2011), assim como características de personalidade e psicopatologias dos cuidadores (Barroso & Machado, 2010). Pais com personalidade inflexível, crenças e regras rígidas, costumam apresentar dificuldade em compreender as necessidades apresentadas pelas crianças, entender e manejar as exigências de uma maneira adaptativa (Lopes, 2011). Para Young (2003), essas características são guiadas por Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) que fazem parte do funcionamento da personalidade e que determinam as interpretações, emoções e reações na vida adulta. Os EIDs são definidos como crenças profundas tomadas como verdades sobre si e sobre o mundo.

Dessa forma, Young (2003) identificou 18 EIDs agrupados em cinco Domínios Esquemáticos (DE), correspondentes a tarefas evolutivas e demandas psicológicas necessárias para serem supridas pelos pais ou cuidadores durante as diferentes fases do desenvolvimento infantil. São identificadas como centrais e separadas em pares, sendo elas: conexão-autonomia; estabilidade-mudança; e desejabilidade-autoaceitação (Young, Klosko & Weishaar, 2008). Portanto, quando ocorrem prejuízos nas tarefas evolutivas, EIDs poderão ser desenvolvidos, conforme descritos na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição dos Domínios e Esquemas Iniciais Desadaptativos (Young, 2003)

Domínio	Esquemas Iniciais Desadaptativos
Desconexão e rejeição Refere-se à falta de ambiente seguro e estável. O ambiente familiar geralmente é frio, desligado, imprevisível ou abusivo	<p>Privação emocional Expectativa negativa quanto à satisfação das necessidades de apoio emocional, como: privação de carinho, empatia ou proteção.</p> <p>Abandono Percebe as relações como instáveis, gerando a constante expectativa de abandono</p> <p>Desconfiança/abuso As relações são percebidas como perigosas e abusivas. Espera sempre ser enganado, traído ou machucado pelas pessoas.</p> <p>Isolamento social Não consegue ter a sensação de pertencimento a um grupo, comunidade, considerando-se sempre diferente dos outros</p> <p>Defectividade/vergonha Acredita ser defeituoso, indesejado, inferior, resultando em não merecer o amor e a valorização dos outros</p>
Autonomia e desempenho prejudicados O ambiente apresenta superproteção de cuidados e aos quais faltou momentos de autonomia e competência adequados	<p>Fracasso Acredita que nunca terá conquistas e sucessos como as outras pessoas, pois se enxerga como fracassado em todas as áreas, incluindo a vida conjugal</p> <p>Dependência/incompetência Crenças ligadas à incapacidade e incompetência. Não se sente capaz de executar as responsabilidades sem ajuda dos outros</p> <p>Vulnerabilidade Medo constante em relação à saúde física e emocional, bem como a catástrofes externas</p> <p>Emaranhamento A individuação nos relacionamentos íntimos é inexistente, pois há extrema intimidade, envolvimento emocional exagerado e falta de privacidade</p>
Limites prejudicados Ligados a um ambiente exageradamente permissivo, tolerante ou com senso de superioridade	<p>Grandiosidade/arrogo Apresenta um foco exagerado na busca pela superioridade para obter poder, controle, atenção ou aprovação</p> <p>Autocontrole/autodisciplina insuficientes Tendência a evitar possíveis desconfortos, tais como, dor, conflito e responsabilidade. Apresenta baixa tolerância à frustração e pouco autocontrole</p>
Orientação para o outro Refere-se a um ambiente de aceitação condicional em que não houve liberdade de expressão	<p>Subjugação Ocorre uma submissão excessiva ao controle dos outros por sentir-se coagido. Pode ocorrer através da subjugação das suas necessidades e/ou das emoções</p> <p>Autossacrifício Tendência a suprir as necessidades das outras pessoas, à custa das suas próprias necessidades</p> <p>Busca de aprovação/reconhecimento Busca excessiva por atenção, admiração e</p>

<p>Supervigilância e inibição Caracterizado por um ambiente com déficit de espontaneidade, relaxamento e lazer</p>	<p>reconhecimento, em relação a autoestima estar condicionada à aceitação social</p> <p>Inibição emocional Apresenta autocontrole excessivo e inibição de sentimentos para evitar desaprovação dos outros, constrangimentos ou perder o controle, influenciando na sua espontaneidade</p> <p>Padrões inflexíveis Intensa preocupação com eficiência, perfeccionismo e rigidez em função de evitar críticas, dificultando momentos de relaxamento e de prazer</p> <p>Negativismo/pessimismo Foco exagerado em aspectos negativos geram para estas pessoas preocupações constantes, queixas e indecisão crônica</p> <p>Postura punitiva Apresenta crença que os erros devem ser punidos, gera intolerância à imperfeição humana e dificuldade de empatia</p>
--	--

Tendo em vista que os EIDs são ativados por diversas situações, os aspectos que envolvem a parentalidade podem ativar EIDs dos pais, que normalmente acontecem pela revivência de emoções ou situações que foram familiares e estressantes na infância ou na adolescência e gerar um estilo de enfrentamento desadaptativo diante de comportamentos apresentados pelos seus filhos (Lopes, 2011). Assim, os EIDs dos pais e das mães podem funcionar como dinâmica de manutenção esquemática no ciclo familiar e causar prejuízos no convívio entre pais-filhos (Dattilio, 2006).

Estudos nacionais apontam a necessidade de pesquisas que relacionem EIDs parentais e práticas educativas, com objetivo de prevenção de EIDs nos filhos (Valentini & Alchieri, 2009; Paim, Madalena, & Falcke, 2012). Já estudos internacionais ressaltam maior número de pesquisas que envolvem EIDs das mães relacionando-os a problemas de comportamento dos seus filhos (Sierra, Cortés, & Garcia, 2012; Creveling, Varela, Weems, & Corey, 2010). Outros estudos de âmbito internacional relacionam EIDs e estilos parentais (permissivo, autoritário e autoritativo), resultando que os EIDs apresentam efeito em alguns estilos e práticas que se aplicam na educação dos seus

filhos (Kooraneh & Amirsardari, 2015; Lotfy & Yarahmadi, 2014).

A literatura aponta que parte das pesquisas investigadas relacionam déficit de HSE-P a prejuízo nas habilidades sociais e problemas de comportamentos dos filhos. Porém, percebe-se a escassez de estudos empíricos brasileiros que envolvam aspectos cognitivos, como EIDs parentais e quais os motivos ou variáveis associadas a práticas educativas não efetivas, como crenças e regras rígidas presentes no repertório cognitivo dos pais e seus efeitos sobre as habilidades de educação (Valentini & Alchieri, 2009). Tais demandas tornam-se necessárias, uma vez que os EIDs contribuem para manutenção de problemas crônicos na vida adulta e interferem em lidar com situações conflitantes que fazem parte da vida, assim como situações e manejos com os filhos. Outra característica é que os EIDs são originados no desenvolvimento infantil por demandas necessárias a serem adquiridas pelos pais ou cuidadores (Young, Klosko, & Weishaar, 2008). Assim, hipotetiza-se que os EIDs se associam negativamente com algumas HSE-P e perpetuam na dinâmica familiar não saudável. Nesse sentido, objetiva-se descrever e verificar se existe relação entre os domínios, EIDs parentais com as suas HSE-P.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal e de alcance correlacional (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013).

Participantes

Participaram deste estudo 154 pais e mães, acessados por conveniência, residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre. O tamanho da amostra foi definido

a partir de um cálculo amostral, com base na correlação entre os escores totais de dois instrumentos (IHSE-Pais e YSQ-S3), para que fosse classificada como moderada ($-0,300 < r < -0,599$) com estimativa pontual ($r = -0,400$), assumindo um nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$), um poder amostral de 80% ($\beta = 0,20$) e um erro de variação para o erro padrão do coeficiente de correlação de 10%, apontando um total de 154 participantes.

Como critério de inclusão, os participantes deveriam ter, ao menos, um/a filho/filha com idade entre sete e 11 anos. Foram excluídos participantes que não preencheram os instrumentos de forma completa.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos, o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young (YQS-S3) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão Pais de Del Prette e Del Prette (2013a) – (IHSE-Pais).

Questionário de dados sociodemográficos

Desenvolvido pelo grupo de pesquisa Intervenções Cognitivo Comportamentais: Estudo e Pesquisa (ICCep) com objetivo de avaliar características sociodemográficas dos pais (idade, estado civil, escolaridade, número de filhos, carga horária de trabalho) além de dados sobre o(s) filho(s) (idade dos filhos, escolaridade, sexo) e Critérios de Classificação Econômica Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2015). A duração da aplicação deste instrumento foi de aproximadamente 10 minutos (Apêndice A).

Inventário dos esquemas de Jeffrey Young (*Young Schema Questionnaire YSQ-S3*, desenvolvido por Young, 2003)

Trata-se de um questionário de autorrelato composto de 90 itens e que avalia 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs). Os EIDs são categorizados em cinco grandes domínios (Young, 2003), os quais contemplam os 18 EIDs. Essa versão foi formulada por Jeffrey Young a partir da primeira versão de 205 itens. A versão utilizada nesse estudo foi traduzida e adaptada para o português por Rijo e Pinto Gouveia (1999). Cada esquema está representado por uma grade de correção através de cinco afirmações que são apresentadas aleatoriamente no instrumento, assim como os domínios analisados pelo somatório dos EIDs pertencentes a cada agrupamento. A proeminência de cada esquema é determinada através dos valores médios do grupo de itens destinados a avaliá-lo, analisados por meio do somatório dos resultados de cada grupo de cinco questões. Nesta versão, a cotação é feita a partir de uma escala *Likert* de um a seis pontos, em que um corresponde a “Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que acontece comigo” e seis corresponde a “Descreve-se perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo”. No YSQ-S3, na validação portuguesa, encontrou-se uma estrutura de 18 fatores, correlações item-total moderadas e um Alfa de Cronbach do total com os itens de 0,967. Para o presente estudo, a confiabilidade para o total de itens foi estimada em 0,965, resultando muito próximo ao valor obtido pelo estudo de validação, o que indica excelente confiabilidade. A aplicação deste instrumento teve duração de aproximadamente 30 minutos (Apêndice D).

Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão Pais (IHSE-Pais, Del Prette & Del Prette, 2013a)

Trata-se de um inventário de autorrelato que avalia comportamentos sociais dos pais apresentados na relação com os filhos. Esse inventário está em processo de validação, sendo que os dados desse estudo irão contribuir para com esse processo. O inventário é composto por 60 itens, respondidos pelos pais em uma escala *Likert* que varia de “Nunca” ou “Quase Nunca” (0) à “Sempre” ou “Quase Sempre” (4). Os itens da escala foram elaborados a partir do Sistema de Categorias de Habilidades Sociais Educativas, proposto por Del Prette & Del Prette (2008). As propriedades psicométricas preliminares foram aferidas em uma amostra de 433 genitores (25% pais e 75% mães) de filhos entre dois e 17 anos. As faixas etárias são distribuídas em normas por idades de: dois a seis anos, sete a 11 anos e de 12 a 17 anos. Optou-se pelas faixas etárias dos filhos dos sete aos 11 anos. Nesta fase evidencia-se exigência de cuidados parentais quanto ao suporte emocional, relações interpessoais e questões escolares, além da parentalidade estar presente por mais tempo. Os fatores deste estudo foram computados pelos autores do instrumento, por meio de soma simples dos valores dos itens que estão agrupados em cada escore fatorial, sendo que para uma interpretação mais fidedigna foram calculados os escores médios de cada fator, onde a soma total foi dividida pelo número de itens dos mesmos. Sob este método foi possível obter escores de acordo com a escala original, variando de 0 a 4 (Del Prette & Del Prette, 2013a). O instrumento produziu um escore total ($\alpha=0,957$) e cinco escores fatoriais produzidos por fatoração de eixos principais: F1 – “Estabelecer limites, corrigir, controlar” ($\alpha=0,936$); F2 – “Demonstrar afeto e atenção” ($\alpha=0,883$); F3 – “Conversar/dialogar” ($\alpha=0,851$); F4 – “Induzir disciplina” ($\alpha=0,791$); F5 – “Organizar condições educativas” ($\alpha=0,748$). No presente estudo, o coeficiente Alpha de Crombach dos fatores foram em F1 ($\alpha=0,940$),

seguidos do F2 ($\alpha=0,866$) e F3 ($\alpha=0,800$), estimativas muito próximas quando comparadas aos resultados detectados no processo de validação deste instrumento. Considerando as menores estimativas de confiabilidade nos fatores F4 ($\alpha=0,714$) e F5 ($\alpha=0,768$), resultados que também se mostraram coerentes quando comparados ao estudo preliminar. Dessa forma, pode-se acreditar que a análise de confiabilidade da amostra em questão se mostrou semelhantes com os achados referentes ao processo de validação do instrumento. A aplicação deste instrumento teve duração de aproximadamente 30 minutos. Este instrumento possui acesso restrito por estar em etapa de validação, razão pela qual não consta nos Apêndices.

Procedimentos

Os dados foram coletados pela pesquisadora e por estudantes de psicologia, pertencentes ao grupo de pesquisa ICCep da UNISINOS. Os estudantes foram devidamente treinados para conduzir o *rapport* padronizado com os participantes. Estes foram contatados por conveniência, mediante convites presenciais, por telefone, divulgados em redes sociais gratuitas e *e-mails*. Foi realizado também o critério de amostragem não probabilística do tipo “bola de neve”, uma vez que foi solicitado que os participantes encaminhassem o convite aos seus conhecidos, dentro dos critérios de inclusão estabelecidos. Após o contato com os participantes, os instrumentos foram aplicados nas residências das famílias ou em locais marcados, em dia e horário previamente combinados. Os pais e/ou mães responderam os instrumentos individualmente, com tempo aproximado de uma hora e 30 minutos, em apenas um dia.

Os instrumentos foram aplicados e respondidos na seguinte ordem: o questionário de dados sociodemográficos; o YSQ-S3; e por fim, foi aplicado o IHSE-Pais, o qual foi respondido com base exclusivamente na relação com um filho (ou filha).

Os pais que possuíam mais de um filho foram solicitados a escolher apenas um dos filhos para embasarem suas respostas, conforme regulamento de instrução do IHSE-Pais.

O presente estudo seguiu os procedimentos éticos conforme a Resolução nº 139/15 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, 2012) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (parecer 15/156) (Apêndice B). Os participantes foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, podendo obter qualquer esclarecimento quando desejarem, decidindo livremente sobre a sua disponibilidade de participação, além de oferecida a devolução aos participantes que solicitaram. Após o aceite e compreensão sobre a pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fornecida uma cópia do TCLE aos sujeitos (Apêndice C).

Foi garantida a sua privacidade e confidencialidade, sendo que os materiais obtidos por meio dos instrumentos de pesquisa foram devidamente arquivados nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS. Destaca-se que os procedimentos deste estudo não apresentaram riscos aos participantes, como desconforto ou constrangimento e, caso houvesse algum desconforto, os participantes poderiam interromper a aplicação e, se necessário, seriam encaminhados para atendimentos devidos.

Análise de Dados

Os dados foram analisados no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.0, sendo que para critérios de decisão estatística, foi adotado o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$). O tratamento estatístico dos dados foi composto por análises descritivas através da distribuição absoluta e relativa, bem como média,

mediana, desvio-padrão e amplitude interquartílica (variáveis contínuas), com estudo da distribuição de dados pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov* com correção de *Lillifors*. Na avaliação do grau de linearidade entre o YSQ-S3 e IHSE-Pais foi utilizado o coeficiente de Correlação de Pearson, em que sua classificação obedeceu aos seguintes critérios: valores entre 0,100 e 0,290 correlação fraca; coeficientes entre 0,300 e 0,590 correlação moderada ou regular; e valores entre 0,600 e 0,790 como correlação forte. Coeficientes acima de 0,800 foram classificados como muito forte (Dancey & Reidy, 2006).

Resultados

Participaram deste estudo 154 pais e mães, sendo 70,1% (n=108) mães e 29,9% (n=46) pais. A idade dos participantes variou entre 24 e 59 anos (M=38,8 anos DP=6,5). Em relação ao estado civil 71,4% (n=110) eram casados, tinham dois filhos (49,4%, n=76) e a média de escolaridade dos pais foi ensino superior completo (27,9%, n=43). Segundo os Critérios de Classificação Econômicas Brasil, 25,3% (n=38) pertenciam à Classe A2, enquanto que, 29,3% (n=44) pertenciam à Classe B1, e esta mesma proporção à Classe B2. Quanto à idade dos filhos alvos da pesquisa, esta variou entre 7 e 9 anos de idade, com média de 8,5 anos (DP=1,3) e a maioria das crianças, 68,2 % (n=105), frequentava escola particular.

Em relação ao YSQ-S3, a média mais elevada ocorreu no quinto domínio de supervigilância e inibição 2,64 (DP=0,88). Nas estimativas dos EIDs, a maior média ocorreu no esquema de padrões inflexíveis 3,51 (DP=1,18) (Tabela 2).

Tabela 2
Escores dos domínios e EIDs

YSQ – Domínios e EIDs	Descritivas		
	Média	Desvio padrão	Mediana
1) Desconexão e rejeição	1,93	0,84	1,70
Abandono	2,12	1,04	1,90
Desconfiança/abuso	2,21	1,15	2,00
Isolamento social	1,96	0,98	1,70
Defectividade/vergonha	1,46	0,81	1,00
Privação emocional	1,88	1,19	1,40
2) Autonomia e desempenho prejudicados	1,89	0,74	1,75
Dependência/incompetência	1,66	0,72	1,40
Vulnerabilidade ao dano ou à doença	2,33	1,17	2,00
Emaranhamento	1,84	0,97	1,60
Fracasso	1,72	1,01	1,20
3) Limites prejudicados	2,45	0,88	2,30
Grandiosidade/arrogo	2,65	1,00	2,60
Autocontrole/autodisciplina Insuficientes	2,26	0,94	2,20
4) Orientação para o outro	2,44	0,87	2,30
Subjugação	1,80	0,95	1,60
Autossacrifício	3,04	1,24	2,80
Busca de aprovação/reconhecimento	2,50	1,11	2,40
5) Supervigilância e inibição	2,64	0,88	2,45
Negativismo/pessimismo	2,40	1,18	2,00
Pradrões inflexíveis	3,51	1,18	3,50
Inibição emocional	2,36	1,21	2,00
Postura punitiva	2,30	1,12	2,10
Total_YSQ	2,22	0,75	2,09

No que se refere o IHSE-Pais (Tabela 3), as maiores médias presentes nos participantes foram em demonstrar afeto e atenção 3,55 (DP=0,49). Comportamentos relacionados a organizar condições educativas demonstrou a menor média no repertório de HSE-P 2,61 (DP=0,78).

Tabela 3
Escores das HSE-P

HSE-P	Média	Desvio Padrão
Fator 1 – Estabelecer limites, corrigir e controlar	3,29	0,56
Fator 2 – Demonstrar afeto e atenção	3,55	0,49
Fator 3 – Conversar e dialogar	3,09	0,57
Fator 4 - Induzir disciplina	2,77	0,67
Fator 5 – Organizar condições educativas	2,61	0,78
Fator total IHSE-Pais	3,06	0,48

Nota: a pontuação para cada item variou entre 0 (nunca) e 4 (sempre).

A partir do coeficiente de correlação de Pearson foram encontradas correlações de grau fraco entre o YSQ-S3 e IHSE-Pais (Tabela 4). Pode-se observar que quanto maior o esquema de busca de aprovação/busca de reconhecimento, menor a HSE-P em demonstrar afeto e atenção ($r=-0,205$; $p=0,011$). O esquema de postura punitiva apresentou correlação positiva fraca com a HSE-P de induzir disciplina ($r=0,172$; $p=0,033$). Enquanto o esquema de fracasso ($r=0,168$; $p=0,037$) e vulnerabilidade ao dano ou à doença ($r=0,159$; $p=0,050$) apresentou relação positiva fraca com HSE-P de organizar condições educativas.

Tabela 4
Correlação entre os domínios, EIDs e HSE-P

YSQ-S3 Domínios e EIDs	IHSE				
	Fator 1 limites, corrigir e controlar	Fator 2 Demonstrar afeto e atenção	Fator 3 Conversar e dialogar	Fator 4 Induzir disciplina	Fator 5 Organizar condições educativas
1) Desconexão e rejeição	0,051	-0,109	0,050	0,080	0,045
Privação emocional	0,066	-0,156	0,010	0,003	0,015
Abandono	0,084	0,036	0,134	0,144	0,082
Desconfiança/abuso	0,078	-0,127	0,079	0,084	0,105
Isolamento social	-0,047	-0,110	-0,059	0,013	-0,104
Defectividade/vergonha	0,009	-0,067	0,031	0,090	0,083
2) Autonomia e desempenho prejudicados	0,062	0,029	0,084	0,067	0,141
Fracasso	0,091	0,022	0,041	0,039	,168*
Dependencia/incompetência	0,006	-0,035	-0,011	-0,031	-0,036
Vulnerabilidade ao dano ou à doença	0,053	0,048	0,114	0,109	,159*
Emaranhamento	0,020	0,031	0,073	0,042	0,073
3) Limites prejudicados	-0,040	-0,125	0,036	0,025	-0,008
Grandiosidade/arrogância	-0,021	-0,114	0,042	0,023	-0,007
Autocontrole/autodisciplina insuficientes	-0,050	-0,104	0,020	0,022	-0,006
4) Orientação para o outro	0,006	-0,112	0,076	0,020	0,011
Subjugação	-0,026	0,037	0,004	-0,070	-0,079
Autossacrifício	0,127	-0,082	0,137	0,084	0,103
Busca de aprovação/ reconhecimento	-0,107	-0,205*	0,025	0,014	-0,021
5) Supervigilância e inibição	0,081	-0,059	0,106	0,104	0,063
Inibição emocional	-0,021	-0,131	0,031	-0,040	-0,110
Pradrões inflexíveis	0,079	-0,078	-0,005	0,065	0,014
Pessimismo/negativismo	0,081	0,059	0,154	0,126	0,141
Postura punitiva	0,112	-0,026	0,147	,172*	0,156

Nota. * $p < 0,05$

Discussão

Os dados sociodemográficos encontrados evidenciaram que os pais e mães são em sua maioria casados, com média de 38,8 anos de idade, alta escolaridade e nível socioeconômico. Tais dados podem ter contribuído para os genitores serem mais habilidosos em prática de educação, conforme identificado em estudos de que pais que apresentavam maior escolaridade e renda eram mais hábeis em práticas educativas com seus filhos (Carmo & Alvarenga, 2012; Ferrera & Barrera, 2010).

No presente estudo, foi identificado que os pais e as mães apresentaram médias mais expressivas no domínio de supervigilância e inibição e, no esquema de padrões inflexíveis. O domínio de supervigilância e inibição, que compõem o esquema de padrões inflexíveis, é originado de um ambiente que não apresentou relaxamento e lazer. Na paternidade pais com esquemas presentes nesse domínio podem interferir em práticas educativas rígidas e repercutir em uma infância reprimida e exigente, conforme demonstrado em estudo sobre este esquema (Sierra, Cortés, & García, 2012).

As HSE-P mais utilizadas neste estudo envolvem comportamentos por meio dos quais os pais expressam carinho e atenção em relação aos comportamentos dos filhos, como por exemplo, retribuir atenção ou gentileza recebida, valorizar/elogiar comportamentos desejáveis do filho, perceber quando está feliz e satisfeito. As HSE-P menos utilizadas foram organizar e estimular condições educativas, como envolver-se em jogos e brincadeiras com as crianças, escolher livros de histórias com conteúdo educativo, assim como chamar amigos para brincar. Esses resultados apresentam médias semelhantes aos achados de Brasil e Cia, (2013a) e Brasil e Cia, (2013b), indicando que práticas que envolvem afeto e atenção aos filhos são fundamentais, uma vez que as crianças não passam por situações de negligência emocional e afetiva pelo ambiente familiar (Del Prette & Del Prette, 2005; Gomide, 2006; Sabbag & Bolsoni-Silva, 2011). Nos dados obtidos nesta amostra, acredita-se que os pais, não estão sendo negligentes, rejeitadores ou abusivos com seus filhos, visto que não pontuaram médias expressivas para esquemas presentes no domínio de desconexão e rejeição, assim como apresentaram médias elevadas nas habilidades que envolvem afeto e atenção (Kooraneh & Amirsardari, 2015; Wainer, 2016).

No que se refere aos pais apresentarem menos comportamentos de organizar condições educativas, entende-se que esse fato pode estar relacionado com a pressão

provocada pelo esquema de padrões inflexíveis, que interfere e dificulta os comportamentos dos pais de relaxarem. Medidas exigentes decorrentes de lentes emocionais ativadas nestes pais podem interferir em menores atividades que envolvam estimular através do brincar e participar de atividades lúdicas com seus filhos, devido à preocupação com extremo desempenho (Sierra & Vega, 2014).

Os resultados apontaram que quanto mais esquema de busca de aprovação e reconhecimento os pais apresentaram, menores foram as HSE-P de troca afetiva e atenção aos filhos. Este esquema faz parte do domínio orientação para o outro, caracterizado por um ambiente familiar em que os desejos emocionais dos pais prevalecem às necessidades e sentimentos da criança (Young, Klosko, & Weishaar, 2008). Na paternidade, as práticas educativas de pais com esquemas presentes neste domínio, podem ser interpretadas erroneamente como algo que os impedem de serem felizes. O foco atencional dos pais que apresentam este esquema tende a estar direcionado para satisfazer as suas necessidades de admiração e reconhecimento. Nesse sentido, vão apresentar dificuldade de dar para os filhos algo, como atenção e afeto, assim como estimulá-los em habilidades de trocas afetivas, sem esperar alguma coisa em troca. Por este motivo, acabam esperando serem reconhecidos e aprovados pelos seus pares e/ou filhos (Azar, Reitz, & Goslin, 2008).

Entende-se que pais que interpretam a prática de educar como uma condição, irão exigir que seus filhos os recompensem com gestos ou comportamentos. Para Gomide (2006), comportamentos parentais que envolvem chantagens emocionais dos pais com os filhos é composto por prática parental negativa. Esta prática é guiada pelo humor parental e não pelo caráter educativo, o que dificultará em trocas afetivas espontâneas com seus filhos. Diante disso, dependendo do temperamento infantil, podem ocorrer falhas nas necessidades fundamentais das crianças, como tarefas

evolutivas essenciais no desenvolvimento de respeito aos seus desejos e posições, em prol de obter amor, atenção ou aprovação social (Ball, 1998; Wainer, 2016). Para Bolsoni-Silva, Marturano e Loureiro (2009), estes comportamentos podem repercutir nas habilidades sociais infantis com seus pares, ao tentarem expressar frustrações e desgostos de forma adequada.

O esquema de postura punitiva foi relacionado às HSE-P de induzir disciplinas aos filhos. Tal direcionamento aponta que quanto mais esquema de postura punitiva os pais pontuaram, maiores serão as habilidades apresentadas por eles em corrigir os comportamentos apresentados pelos seus filhos, envolvendo regras e valores dos pais. Este esquema pertence a um ambiente que apresentou falta de espontaneidade, relaxamento e lazer. A família geralmente é perfeccionista, punitiva e tende a não ter muitas atividades prazerosas (Young, 2003).

Na parentalidade, pais que apresentam esquema de postura punitiva, podem interferir na crença de que erros devem ser punidos, dificuldade em perdoar os próprios erros e os alheios, por não empatizar e aceitar a imperfeição. As distorções presentes nesse esquema tendem a atrapalhar a competência parental em discutir, esclarecer e escutar as suas crianças (Lopes, 2011). Tais resultados corroboram com o estudo de Lotfy e Yarahmadi, (2014), o qual buscou avaliar a associação entre EIDs e práticas educativas. Esse estudo encontrou correlações positivas com práticas parentais autoritárias e EIDs de postura punitiva, indicando que os EIDs se relacionaram com práticas punitivas. No mesmo sentido, em uma análise de regressão, a qual objetivou identificar a mediação dos EIDs e práticas parentais, os resultados apontaram que os EIDs presentes no quinto domínio predizem a relação das práticas educativas punitivas (corrigir os comportamentos com gritos, repreensão e muitas regras), dificultando no estímulo social e nas alterações de humor dos filhos (Sierra & Vega, 2014).

Em outra perspectiva, estudos de âmbito nacional e internacional apontam que cuidadores mais exigentes ou punitivos e pouco afetivos e envolvidos, em relação aos comportamentos das crianças, observam menos comportamentos adequados e pouco elogiam os comportamentos positivos. Estes comportamentos tendem a resultar em problemas de comportamentos infantis internalizantes ou externalizantes (Bolsoni-Silva, 2003; Lins, Alvarenga, Paixão, Almeida & Costa, 2012; Leve, Kim & Piers, 2005; Gryczkowski, Jordan, & Mercer, 2009).

Diante disso, compreende-se que o fato do esquema de postura punitiva apresentar uma direção para os comportamentos parentais em induzir disciplinas, pode ser explicado pelo controle dos pais com sua imediata garantia de comportamentos de obediência (Thompson, 2002). Isto significa que eles podem ter esta habilidade mais desenvolvidas no seu repertório educativo com seus filhos. Esta característica dos pais pode gerar intolerância à imperfeição e dificultar na empatia com as crianças, como errar, expressar as emoções, participar de atividades prazerosas, dentre outras (Alvarenga, Weber, & Bolsoni-Silva, 2016; Sierra, Cortés, & García, 2012). Práticas parentais punitivas apresentam mais comportamentos de controle e punição do que educativa e, com frequência, são utilizadas punições para o controle do comportamento, pois não há uma valorização do diálogo, assim como da autonomia (Ceconello, De Antoni, & Koller, 2003; Weber, 2007).

Os esquemas de fracasso e vulnerabilidade ao dano se apresentaram relacionados às HSE-P que incluem comportamento parental que prepara o ambiente educativo para os filhos. Estes esquemas fazem parte do domínio de autonomia e desempenho prejudicados, que se refere a um ambiente superprotetor e geralmente destruidor da confiança da criança. Pessoas com esquemas presentes neste domínio podem apresentar em sua personalidade expectativa sobre si e os demais de extrema

dependência, que interferem na interpretação da sua capacidade e desempenho em lidar com diversas situações que envolvem autonomia. Na parentalidade, tal desconforto provocado pela sensação esquemática pode levar os pais a estratégias comportamentais evitativas e não se envolverem em práticas educativas ou fazerem o oposto da sensação provocada pelo esquema, se envolvendo mais com seus filhos (Young, 2003).

As sensações de insegurança despertadas pelo esquema de fracasso podem despertar no comportamento parental habilidades de incentivo com as crianças, para não se sentirem fracassados como pais, fazendo diferente para seus filhos, como participar e se envolverem em práticas educativas com eles, conforme demonstrados pelos participantes desta pesquisa (Wainer, 2016; Young, Klosko, & Weishaar, 2008). Do mesmo modo, as sensações despertadas pelos esquemas de vulnerabilidade, possivelmente levam os pais se sentirem mais receosos e tendem a preparar e se envolver mais nas HSE-P dos filhos (Lopes & Lopes, 2015). Os resultados corroboram tal discussão, pois foram encontrados estudos em que os pais com esquemas presentes no domínio autonomia e desempenho prejudicados, apresentam mais comportamentos presentes e participativos na vida dos filhos, porém podendo ser excessivos, devido à insegurança parental (Creveling et al., 2010; Kooraneh & Amirsardari, 2015).

Os dados obtidos neste trabalho vão ao encontro da literatura. Enquanto alguns pais tendem a se sentirem incompetentes por medo de não darem conta ou falharem em relação a comportamentos apresentados pelos seus filhos, como a sensação de incapacidade no envolvimento em participar de atividades com os mesmos (Lopes, 2011), outros pais, diante das sensações despertadas pelos esquemas presentes no segundo domínio, tendem a compensar o seu comportamento, fazendo diferente para seus filhos, como participar e se envolverem em práticas com eles (Wainer & Rijo, 2016; Young, Klosko, & Weishaar, 2008). De acordo com Young (2003), uma das

formas de lidar com a sensação provocada pelos EIDs é a compensação esquemática, que visa fazer o oposto ao que seria esperado pelo esquema ativado. Este comportamento pode ser considerado uma tentativa de cura esquemática, mas em muitos casos pode acabar se perpetuando e ser excessivo (Wainer & Rijo, 2016).

Em relação aos resultados não significativos, hipotetizava-se que os EIDs presentes no primeiro domínio esquemático, desconexão e rejeição, apresentariam relacionados negativamente as HSE-P que envolvem afeto e atenção aos filhos. Uma vez que este domínio está ligado a um ambiente que apresenta déficit de acolhimento, escuta, atenção e afeto, conforme encontrado em outros estudos este resultado (Creveling et al., 2010; Kooraneh & Amirsardari, 2015). O que diferem de práticas positivas, com espaço para as crianças se sentirem amadas e conectadas com o ambiente familiar (Gunty & Buri, 2008; Roelofs, Onckels, & Muris; 2013; Shahamat et al., 2011).

Em relação aos EIDs presentes no domínio de limites prejudicados, acreditava-se que os EIDs presentes neste domínio apresentariam-se relacionados negativamente as HSE-P em estabelecer limites corrigir e controlar, assim como em induzir disciplinas. Segundo Young (2003), pessoas com este esquema vieram de um ambiente falho em meios disciplinares e autocontrole. Neste sentido, pais com estes EIDs poderiam apresentar déficit de habilidades de educação com seus filhos, assim como falha na tarefa evolutiva de limites realistas, importantes nas fases do desenvolvimento infantil, conforme identificado em estudos de práticas inefetivas semelhantes (Sierra, Cortés & García, 2012).

Diante disso, foi identificado na amostra deste estudo o oposto do esperado, em que os pais apresentavam médias elevadas em meios disciplinares, como práticas educativas que inclui restringir os comportamentos indesejáveis dos filhos. Assim como, estimular os filhos a pensarem sobre comportamentos e valores desejáveis, por

exemplo, estabelecer regras mostrando os efeitos delas para o convívio e fazer perguntas ao filho que o levam a pensar e refletir (Del Prette & Del Prette, 2013b).

Considerações Finais

Algumas hipóteses do presente estudo foram confirmadas, embora as correlações tenham sido de grau fraco e a maioria positivas, as informações obtidas foram de acordo com estudos já realizados na área. Conforme observou-se nos resultados, o fato dos pais e mães demonstrarem médias menos expressivas na maioria dos domínios e EIDs, pode ser compreendido por apresentarem, de uma forma geral, médias elevadas em fatores das HSE-P.

O esquema de busca de admiração e reconhecimento foi o único esquema que apresentou déficit de habilidade educativa de afeto e atenção com os filhos. Os outros EIDs apresentaram correlacionados positivamente com habilidades de educação, o que faz pensar que o fato dos pais apresentarem essas habilidades não significa que eles sejam competentes ou hábeis em práticas educativas com seus filhos.

Em relação a outras hipóteses não serem confirmadas, algumas limitações do estudo precisam ser consideradas. A amostra investigada foi por conveniência, um fator que pode ter possibilitado os pais não pontuarem tantos EIDs, uma vez que não pertenciam a uma amostra clínica. Outro ponto é que o YSQ-S3 é um instrumento que pode desencadear respostas de enfrentamento de evitação e hipercompensação, o qual muitas vezes interferem nos resultados. Nesse sentido, não se pode dizer que os pais que não pontuaram EIDs não os tenham, mas no momento da aplicação foram identificados apenas os utilizados para as análises. O instrumento apresenta esta limitação, por esse motivo, sugere-se pesquisa que comparem amostra clínica e não clínica, assim como utilizar os instrumentos de estratégias de enfrentamento visando contemplar esta lacuna.

Em relação ao IHSE-Pais, o instrumento tende a medir práticas positivas de educação no repertório comportamental. Nesse sentido, seria importante avaliar também outros fatores nas práticas de educação, como práticas negativas ou observação direta.

Além disso, sugere-se estudos futuros que avaliem além dos EIDs dos pais, mas também os comportamentos dos filhos, afim de ampliar a relação pais e filhos. Uma vez que os tratamentos terapêuticos de orientação de pais ou psicoterapia infantil possam ir além de problemas de comportamento nas crianças e que apontem também as crenças oriundas dos esquemas e que auxiliem os pais a satisfazerem as necessidades emocionais dos seus filhos, como promoção de esquemas mais saudáveis no seu desenvolvimento. Esses achados são importantes para a compreensão dessa problemática e para elaboração de estratégias preventivas, uma vez que os EIDs interferem nas relações sociais quando estão ativados. Com isso, é possível elaborar medidas preventivas parentais, apoiando os pais na identificação dos seus EIDs, finalizando o ciclo de perpetuação na dinâmica familiar.

Referências

- Alvarenga, P., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4-2. Retrieved from <https://goo.gl/Qil5AK>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP. (2015). Retrieved from <https://goo.gl/7hhW5p>
- Azar, S. T., Reitz, E.B., & Goslin, M.C. (2008). Mothering: Thinking is part of the job description: Application of cognitive views to understanding maladaptative parenting

and doing intervention and prevention work. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 295-304. doi:10.1016/j.appdev.2008.04.009

Ball, S. A. (1998). Manualized treatment for substance abusers with personality disorders: dual focus schema therapy. *Addictive Behaviors*, 23(6), 883-891. Retrieved from <https://goo.gl/D36eky>

Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, Dimensões e Determinantes da Parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229. doi:10.14195/1647-8606_52-1_10

Bolsoni-Silva, A. B., Del Prette, A., & Oishi, J. (2003). Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento nos filhos. *Psicologia Argumento*, 9, 11-29. Retrieved from <https://goo.gl/rFIVIM>

Bolsoni-Silva, A. T., & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? *Psicologia Argumento*, 4(7), 71-86.

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2010). Validação do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE- HSE-P). *Avaliação Psicológica*, 9(1), 63-75. Retrieved from <https://goo.gl/tHWbrt>

Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, (27), 126-138. Retrieved from <https://goo.gl/BNhAXQ>

Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., & Loureiro, S. R. (2009). Construction and Validation of the Brazilian Questionário de Respostas Socialmente Habilidade segundo Relato de Professores (QRSH-RP). *Spanish Journal of Psychology*, 12(1), 349-359. Retrieved from <https://goo.gl/79eOWp>

Bortolini, M., & Andretta, I. (2013). Práticas parentais coercitivas e as repercussões nos problemas de comportamento dos filhos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 227-235. doi:10.7213/psicol.argum.7830

- Brasil, S. E. R., & Cia, F. (2013a). *Pais e filhos: habilidades sociais educativas parentais e habilidades sociais infantis*. VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, Londrina. Retrieved from <https://goo.gl/lwMXpV>
- Brasil, S. E. R., & Cia, F. (2013b). *Problemas de comportamento infantil e suas correlações com o repertório de habilidades sociais educativas parentais*. VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, Londrina. Retrieved from <https://goo.gl/kv6YMq>
- Carmo, P. H. B., & Alvarenga, P. (2012). Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. *Estudos de Psicologia*, 17(2) 191-197. Retrieved from <https://goo.gl/qjg5Oh>
- Cecconello, A., De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54. Retrieved from <https://goo.gl/KogPB8>
- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 73-81. doi:10.1590/S1413-73722006000100009
- Creveling, C., Varela, J., Weems, F., & Corey, D. M. (2010). Maternal control, cognitive style, and childhood anxiety: a test of a theoretical model in a multi-ethnic sample. *Journal of Family Psychology*, 24(4), 439-448. doi:10.1037/a0020388
- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. Porto Alegre, Artmed.
- Dattilio, F. M. (2006). Reestruturação de esquemas familiares. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva*, 2(1), 17-34. Retrieved from <https://goo.gl/YOqGnm>
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e práticas*. Petropolis: Vozes.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia, 18*(41), 517-530. doi:10.1590/S0103-863X2008000300008
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2013a). Inventário de habilidades sociais educativas – versão pais (IHSE-Pais): dados psicométricos preliminares. Relatório não publicado disponível com os autores.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2013b). Psicologia das habilidades sociais na infância: Teorias e Práticas. Petrópolis: Vozes.
- Ferrera, S. H. A., & Barreira, S. D. (2010). Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil. *Psico, 41*(4), 462-472. Retrieved from <https://goo.gl/w8brt4>
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gryczkowski, M. R., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2009). Differential relations between mothers' and fathers' parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies, 19*(5), 539-546. doi:10.1007/s10826-009-9326-2
- Gunty, A. L., & Buri, J. R. (2008). *Parental Practices and the Development of Maladaptive Schemas*. Retrieved from <https://goo.gl/N2rIoF>
- Kooraneh, A. E., & Amirsardari, L. (2015). Predicting Early Maladaptive Schemas Using Baumrind's Parenting Styles. *Iran J Psychiatry Behav Sci., 9*(2). doi:10.17795/ijpbs952
- Leme, V. B. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais educativas parentais e comportamentos de pré-escolares. *Estudos de Psicologia, 15*(2) 161-173. doi: 10.1590/S1413-294X2010000200005

- Leve, L. D., Kim, H. K., & Pears, K. C. (2005). Childhood temperament and family environment as predictors of internalizing and externalizing trajectories from ages 5 to 17. *Journal of abnormal child psychology*, *33*(5), 505-520. doi: 10.1007/s10802-005-6734-7
- Lins, T., Alvarenga, P. Paixão, C., Almeida, E., & Costa, H. (2012). Problemas externalizantes e agressividade infantil: uma revisão de estudos brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *64*(3) 57-75. Disponível em: <https://goo.gl/YnkUPq>
- Lopes, R. F. F. & Lopes, E. J. (2015). Conhecendo-se para educar: orientação cognitivo-comportamental para pais. Porto Alegre: Synopsys.
- Lopes, R. F. F. (2011). Contribuições da Terapia Cognitiva do esquema de J. Young para a avaliação e treinamento de Pais. In M. G. Caminha & R. M. Caminha (Orgs.). *Intervenções e Treinamento de Pais na Clínica Infantil* (pp.121-148). Porto Alegre: Synopsys.
- Lotfy, S., & Yarahmadi, Y. (2014). Study the Relationship between Early Maladaptive Schemas and Parenting Styles. *International Journal of Academic Research in Psychology*, *1*(2), 32-41. doi:10.6007/IJARP/v1-i2/1070
- Ministério da Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Retrieved from <https://goo.gl/9GJJqZ>
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *8*(1) 31-39. doi:10.5935/1808-5687.20120005
- Prebianchi, H. B. (2011). Orientação de pais no processo da psicoterapia infantil de grupo. *Psicologia em Revista*, *17*(1), 135-145 doi:10.5752/P.1678-9563.2011v17n1p135.
- Rijo, D., & Pinto Gouveia, J. (1999). *A new instrument for the assessment of early*

maladaptive schemas. Poster presented to the Society for Psychotherapy Research 30th Annual Meeting, Braga.

Roelofs, J.; Lee, C.; Ruijten, T.; & Lobbestael, J. (2011). The mediating role of early maladaptive schemas in the relation between quality of attachment relationships and symptoms of depression in adolescents. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 39, 471-479. doi:10.1017/S135246581100011

Sabbag, G. M., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). A relação da Habilidades Sociais Educativas e das práticas educativas maternas com problemas de comportamento em adolescentes. *Estudos em Pesquisa em Psicologia*, 11(2), 423-441. Retrieved from <https://goo.gl/q8eSe3>

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.

Shahamat, F., Sabeti, A., Rezvani, S. (2011). Study of relationship between child rearing styles and early maladaptive schemas. *Stud Educ Psychol.*, 11(2), 239.

Sierra, A. V., & Vega, M. G. P. (2014). El papel de los esquemas cognitivos y estilos de parentales en la relación entre prácticas de crianza y problemas de comportamiento infantil. *Avances en Psicología Latino Americana*, 32(3) 389-402. doi:10.12804/apl32.03.2014.04

Sierra, A. V., Cortés, A. N., & García, D. M. (2012). Relación mediacional de los esquemas cognitivos maternos en los problemas de comportamiento infantil. *Psicología y Salud*, 22(1), 27-36. Retrieved from <https://goo.gl/LYAuiH>

Thompson, E. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin*, 128, 539-579. Retrieved from <https://goo.gl/g1rZZ3>

Valentini, F., Alchieri, J. C. (2009). *Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey*

Young: revisão da literatura. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. doi:10.4013/ctc.2009.22.06

- Wainer, R. & Rijo, D. (2016). O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos. In Wainer, R., Paim, K., Erdos, R. & Andriola, R. (Orgs.), *Terapia Cognitiva Focada em Esquemas*. (pp.47-63). Porto Alegre: Artmed.
- Wainer, R. (2016). O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In R. Wainer, Paim, K, Erdos, R & Andriola, R. (Orgs.). *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp.15-26). Porto Alegre: Artmed.
- Weber, L. (2007). *Eduque com carinho: Equilíbrio entre amor e limites*. (2a. ed.). Curitiba: Juruá.
- Young, J. E. (2003). *Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada no esquema*. (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

Artigo II

Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas parentais: pais e mães

Resumo

Esquemas de interpretação parentais e habilidades no processo de educação dos filhos são fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças. O presente estudo objetiva identificar se os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e as Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) diferem entre pai e mãe. Trata-se de um estudo transversal comparativo, do qual participaram 154 pais (46 pais e 108 mães), incluídos por terem ao menos um(a) filho(a) com idade entre sete e 11 anos. Os pais responderam um questionário de dados sociodemográficos, o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young (YQS-S3) e o Inventário de Habilidades Sociais Educativas – Pais (IHSE-Pais). Os resultados apontam que as mães apresentaram maiores escores nos EIDs de dependência/incompetência, emaranhamento, fracasso e autossacrifício e também se apresentaram mais habilidosas que os pais no fator total das HSE-P, em estabelecer limites e na comunicação com seus filhos. Embora as mães tenham se apresentado mais habilidosas em práticas educativas, os esquemas identificados interferem em interpretações distorcidas sobre fatos, o que na maternidade pode influenciar nas habilidades das mães em educar e estimular os filhos. Acredita-se que os resultados auxiliem pesquisadores e clínicos com medidas preventivas e maior aprofundamento sobre a diferença de interpretação e práticas educativas entre pai e mãe.

Palavras-chave: Esquemas Iniciais Desadaptativos, Habilidades Sociais, Parentais.

Early Maladaptive Schemes and Parental Social Educational Skills: fathers and mothers

Abstract

Parental interpretational schemes and skills in the process of parenting are critical to the healthy development of children. The present study aims to determine whether the Early Maladaptive Schemas (EMS) and Social Educational Skills (P-SES) differ between father and mother. This is a cross-sectional study of comparative type, which was attended by 154 parents (46 fathers and 108 mothers) who were included for having at least one child aged between seven and 11 years. The parents answered a questionnaire on sociodemographic data, the Jeffrey Young Schema Inventory (YQS-S3) and the Social Educational Skills Inventory for parents of Del Prette and Del Prette. The mothers presented higher scores in the EMS of dependence / incompetence, entanglement, failure and self-sacrifice, and also were more skilled than the fathers in the total P-SES factor, in establishing limits and in communication with their children. Although mothers have shown themselves to be more skillful in educational practices, the identified schemes interfered with distorted interpretations of facts, which in motherhood may influence the ability of mothers to educate and stimulate their children. Results support researchers and clinicians with preventive measures, providing a further interpretation in educational practices that differentiate fathers and mothers.

Keywords: Early Maladaptive Schemes, Social Skills, Parental.

Introdução

Os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) são padrões emocionais e cognitivos responsáveis por processos de funcionamento da personalidade, definidos como crenças e sentimentos tomados como verdades sobre si e sobre o mundo (Young, Klosko, & Weishaar, 2008). Segundo o autor, a origem dos EIDs ocorre a partir de necessidades emocionais fundamentais não atendidas na infância e adolescência, situações repetitivas e/ou eventos traumáticos em relação a demandas que necessitavam serem supridas pelos pais ou cuidadores.

Dessa forma, Young (2003) identificou 18 EIDs que são agrupados em cinco domínios, correspondendo às cinco necessidades fundamentais na infância: I) necessidades de vínculos seguros; II) senso de autonomia e de competência; III) limites realistas e de autocontrole; IV) liberdade de expressão; V) espontaneidade e lazer. Assim, cada demanda emocional que não foi satisfeita nas fases do desenvolvimento infantil e adolescência poderá originar um determinado domínio esquemático. Os EIDs e seus respectivos Domínios são descritos da seguinte forma (Young, Klosko, & Weishaar, 2008):

- I Domínio – Desconexão e rejeição: privação emocional, abandono, desconfiança/abuso, isolamento/alienação e defectividade/vergonha.
- II Domínio – Autonomia e Desempenho Prejudicados: fracasso, dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano e doença e emaranhamento.
- III Domínio – Limites prejudicados: grandiosidade/arrogo e autocontrole/autodisciplina insuficientes.
- IV Domínio – Direcionamento para o outro: subjugação, autossacrifício e a busca de aprovação/busca de reconhecimento.

- V Domínio – Supervigilância e Inibição: inibição emocional; padrões inflexíveis; negativismo/pessimismo e uma postura punitiva.

Após terem seu desenvolvimento cristalizado na formação da personalidade, os EIDs são ativados por situações ambientais, que normalmente acontecem pela revivência de emoções ou situações que foram familiares e estressantes na infância ou adolescência. Nessa fase entende-se que eles não tinham como lidar de outra forma com as demandas do ambiente ou de seus familiares. Na adultez, os EIDs acabam mediando a interpretação dos fatos da vida do indivíduo, a sua interação com o ambiente e as suas relações interpessoais de forma desadaptativa (Young, 2003).

Essas interpretações desadaptativas, interferem em diversos papéis desempenhados na vida adulta e os aspectos que envolvem a parentalidade podem ser ativadores de respostas cognitivas e emocionais, bem como influenciar na interpretação irrealista de práticas educativas com seus filhos (Azar, Nix, & Makin-Byrd, 2005). Nessa interação, a capacidade parental acaba sendo guiada pelo humor parental e não pelo caráter educativo, que envolve habilidades parentais de estímulo e orientação aos filhos.

As habilidades parentais estabelecidas no processo de educação dos filhos, com objetivo de promover a aprendizagem e desenvolvimento do outro são chamadas de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P). O termo refere-se a um conjunto de habilidades sociais dos pais que incluem as práticas educativas aplicáveis na educação dos seus filhos, assim como a aquisição de habilidades sociais infantis (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2010; Del Prette & Del Prette, 2013).

Estudos têm realizado comparações das HSE-P e problemas de comportamento infantil, com o intuito de verificar aspectos comportamentais, como as habilidades

parentais para a melhoria da relação familiar. Nesse sentido, pais e mães que demonstraram prejuízo nas HSE-P tinham filhos que apresentavam problemas de comportamentos e eram menos hábeis socialmente (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011; Leme & Bolsoni-Silva, 2010; Sabbag & Bolsoni-Silva, 2011).

Em um estudo comparativo que objetivou verificar a percepção dos filhos sobre as HSE-P, identificou-se que as mães apresentaram melhores indicadores na participação educativa em comparação aos pais (Cia, Pamplim & Prette, 2006). Em outro estudo comparativo, o qual buscou comparar as HSE-P entre pais e mães, os resultados demonstraram que as mães também se envolviam mais em habilidades de comunicação e expressividade do que os pais (Bolsoni-Silva & Marturano, 2008).

Em relação a aspectos cognitivos, estudos empíricos no âmbito nacional, que visam comparar EIDs de pais e mães não foram encontrados, mas identificados pesquisas internacionais que apontam maior número de estudos com mães e filhos, relacionando EIDs das mães a problemas de comportamentos dos filhos (Blissett, Meyer, Farrow, Bryant-Waugh, & Nicholls, 2005; Creveling, Varela, Weems, & Corey, 2010). No mesmo sentido, Sierra, Cortés e García (2012) investigaram 300 mães acerca da relação de seus esquemas cognitivos e a frequência de sintomas externalizantes infantis. As dificuldades das mães exercerem controle sobre suas emoções e controlar seus impulsos em relação aos comportamentos apresentados pelos seus filhos apareceram como preditoras da frequência de problemas de comportamentos nos filhos. Os esquemas cognitivos maternos de autocontrole insuficiente, desconfiança/abuso, inibição emocional e padrões inflexíveis mediaram a relação entre a intensificação dos sintomas nos filhos.

Dessa forma, a literatura indica que a maioria das pesquisas foi realizada a partir da perspectiva de práticas inefetivas de educação, associadas a problemas de

comportamento dos filhos. Além disso, os resultados das pesquisas estão mais diretamente relacionados à figura materna, principalmente na avaliação de práticas educativas. Porém, percebe-se a escassez de estudos empíricos de âmbito nacional que envolvam aspectos cognitivos, visando compreender como os aspectos de interpretação e práticas educativas podem diferir em pais e mães. Entretanto, pela perspectiva da teoria de esquemas de Jeffrey Young, entende-se que padrões de pensamentos desadaptativos podem estar relacionados a estruturas mais profundas de interpretação dos fatos. Diante de tal problematização, este trabalho objetiva identificar se existe diferença entre EIDs e HSE-P em pais e mães.

Método

Delineamento

Este estudo se caracteriza como sendo de delineamento transversal, do tipo comparativo, com abordagem quantitativa (Gil, 2008).

Participantes

A amostra foi composta de 154 pais e mães, 70,1% (n=108) do sexo feminino e 29,9% (n=46) do sexo masculino, residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre, com idade variando entre 24 e 59 anos (M=38,8 anos DP=6,5). Os participantes em sua maioria eram casados (71,4%, n=110), com ensino superior completo (27,9%, n=43). Segundo os Critérios de Classificação Econômicas Brasil, 25,3% (n=38) pertenciam à Classe A2, enquanto que, 29,3% (n=44) pertenciam à Classe B1, e esta mesma proporção à Classe B2. O tamanho da amostra foi definido pelo cálculo amostral realizado com base na correlação entre os escores totais de dois instrumentos (IHSE-Pais e YSQ-S3) para que fosse classificada como moderada ($-0,300 < r < -0,599$) com

estimativa pontual ($r=-0,400$), assumindo um nível de significância de 5% ($\alpha=0,05$), um poder amostral de 80% ($\beta=0,20$) e um erro de variação para o erro padrão do coeficiente de correlação de 10%, apontando um total de 154 participantes.

Como critério de inclusão, os participantes teriam que ter, ao menos, um/a filho/filha com idade entre sete e 11 anos e foram excluídos participantes que não completaram todos os instrumentos.

Instrumentos

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

Questionário de dados sociodemográficos

Utilizado para identificar características sociodemográficas dos pais (idade, estado civil, escolaridade, número de filhos, carga horária de trabalho), além de dados sobre o(s) filho(s) (idade, escolaridade, sexo) e Critérios de Classificação Econômica Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2015). Tal questionário foi desenvolvido pelo grupo de pesquisa Intervenções Cognitivo Comportamentais: Estudo e Pesquisa (ICCep). A duração da aplicação deste instrumento foi de aproximadamente 10 minutos (Apêndice A).

Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young (*Young Schema Questionnaire YSQ-S3*, desenvolvido por Young, 2003)

Trata-se de um questionário de autorrelato composto por 90 itens, traduzido e validado para o português por Rijo e Pinto Gouveia (1999). A versão utilizada nesse estudo avalia 18 EIDs (Young, et al., 2003). Cada esquema está representado por uma grade de correção através de cinco afirmações que são apresentadas aleatoriamente no

instrumento. A proeminência de cada esquema é determinada através dos valores médios do grupo de itens destinados a avaliá-lo, por meio do somatório dos resultados de cada grupo de cinco questões. Essa versão foi formulada por Jeffrey Young a partir da primeira versão de 205 itens, e a cotação é feita através de uma escala *Likert* de um a seis pontos, em que um corresponde a “Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que acontece comigo” e seis corresponde a “Descreve-se perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo”. No YSQ-S3, na validação portuguesa, encontrou-se uma estrutura de 18 fatores, correlações item-total moderadas, e um Alfa de Cronbach do total com os itens de 0,967. Para o presente estudo, o índice de confiabilidade para o total de itens foi estimada em 0,965 resultando muito próximo ao valor obtido pelo estudo de validação, indicando excelente confiabilidade. A aplicação deste instrumento teve duração de aproximadamente 30 minutos (Apêndice D).

Inventário de Habilidades Sociais Educativas – versão Pais (IHSE-Pais, Del Prette & Del Prette, 2013)

Avalia comportamentos sociais apresentados na relação com os filhos. Trata-se de um inventário de autorrelato, em processo de validação, sendo que os dados desse estudo irão fazer parte da validação deste inventário. O inventário é composto por 60 itens, respondidos pelos pais em uma escala *Likert* que varia de “*Nunca*” ou “*Quase Nunca*” (0) a “*Sempre*” ou “*Quase Sempre*” (4). Os itens da escala foram elaborados a partir do Sistema de Categorias de Habilidades Sociais Educativas, proposto por Del Prette & Del Prette (2008). As propriedades psicométricas preliminares foram aferidas em uma amostra de 433 genitores (25% pais e 75% mães) de filhos entre dois e 17 anos. As faixas etárias são distribuídas em normas por idades de: (dois a seis anos), (sete a 11

anos) e de (12 a 17 anos). Optou-se pelas faixas etárias dos filhos dos sete aos 11 anos. Nesta fase, estão presentes exigência de cuidados parentais quanto o suporte emocional, de relações interpessoais e de questões escolares, além da parentalidade estar presente por mais tempo. O instrumento produziu um escore total ($\alpha=0,957$) e cinco escores fatoriais produzidos por fatoração de eixos principais: F1 – “Estabelecer limites, corrigir, controlar” ($\alpha=0,936$); F2 – “Demonstrar afeto e atenção” ($\alpha=0,883$); F3 – “Conversar/dialogar” ($\alpha=0,851$); F4 – “Induzir disciplina” ($\alpha=0,791$); F5 – “Organizar condições educativas” ($\alpha=0,748$). Os fatores deste estudo foram computados pelos autores do instrumento, por meio de soma simples dos valores dos itens que estão agrupados em cada escore fatorial, sendo que para uma interpretação mais fidedigna foram calculados os escores médios de cada fator, em que a soma total foi dividida pelo número de itens de cada fator (Del Prette & Del Prette, 2013). No presente estudo, o Alpha de Crombach com maior confiabilidade foram em F1 ($\alpha= ,940$), seguidos do F2 ($\alpha=0,866$) e F3 ($\alpha=0,800$) e o menor nível de confiabilidade em F4 ($\alpha=0,714$) e F5 ($\alpha=0,768$), resultados que também se mostraram coerentes quando comparados ao estudo preliminar. A aplicação do inventário teve duração de aproximadamente 30 minutos. Este instrumento possui acesso restrito por estar em etapa de validação, razão pela qual não consta nos Apêndices.

Procedimentos

O presente estudo seguiu os procedimentos éticos conforme a Resolução nº 139/15 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, 2012), acerca da pesquisa com seres humanos. Salientando-se que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (parecer 15/156) (Apêndice B). Os participantes foram contatados por conveniência, mediante convites presenciais ou por

telefone, divulgados em redes sociais gratuitas e *e-mails*. Foi realizado também o critério de amostragem não probabilística do tipo “bola de neve”, uma vez que foi solicitado que os participantes encaminhassem o convite para os seus conhecidos, dentro dos critérios de inclusão estabelecidos. Após o contato com os participantes, eles foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, podendo obter qualquer esclarecimento quando desejarem, do caráter espontâneo e sem privilégios financeiros. Após o aceite e compreensão sobre a pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), fornecida uma cópia do TCLE aos sujeitos em duas vias, uma para os pais e outra para a pesquisadora, informado que eles poderiam desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento.

Os dados foram coletados pela pesquisadora e por estudantes de psicologia, pertencentes ao grupo de pesquisa ICCep da UNISINOS. Os estudantes foram devidamente treinados para conduzir o *rapport* padronizado junto aos participantes. Os instrumentos foram aplicados nas residências das famílias ou em locais marcados, em dia e horário previamente combinados.

Os pais e/ou mães responderam os instrumentos individualmente, com tempo aproximado de uma hora e 30 minutos, em apenas um dia. Os instrumentos foram aplicados e respondidos na seguinte ordem: o questionário de dados sociodemográficos; o YSQ-S3 e, por fim, foi aplicado o IHSE-Pais, respondido com base exclusivamente na relação com um filho (ou filha). Os pais que possuíam mais de um filho, foram solicitados a escolher apenas um dos filhos para responder, conforme regulamento de instrução do IHSE-Pais.

Foi garantido a sua privacidade e confidencialidade, sendo que os materiais obtidos por meio dos instrumentos de pesquisa foram devidamente arquivados nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS. Destaca-se

que os procedimentos desse estudo não apresentaram riscos mínimos aos participantes, como desconforto ou constrangimento e caso houvesse algum desconforto, os participantes poderiam interromper a aplicação e, se necessário, encaminhados para os devidos atendimentos.

Análise de dados

Os dados foram analisados no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.0, sendo que, para critérios de decisão estatística, foi adotado o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$). O tratamento estatístico envolveu o estudo da distribuição de dados pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov*. A fim de comparar as médias das pontuações dos fatores YSQ-S3 e das IHSE-Pais entre a variável pai e mãe, os pais e mães foram divididos em dois grupos pai ($n=46$) e mãe ($n=108$). Utilizou-se o Teste t-Student (variáveis com distribuição aproximadamente normal) para comparar as médias do IHSE-Pais entre a variável pai e mãe, bem como comparar as médias do YSQ-S3 entre a mesma variável, utilizou-se o teste de *Mann Whitney* (variáveis assimétricas). Para verificar o impacto de fatores independentes sociodemográficos, que se mostraram significativos sobre os resultados do YSQ-S3 e IHSE-Pais em relação a pais e mães, foi calculada a análise de covariância ANCOVA, utilizando como fator de variação a idade, única variável que diferiu de forma representativa entre os pais. Para verificar a homogeneidade entre os grupos (pai e mãe) em relação aos dados sociodemográficos, a única diferença significativa foi em relação a idade (Pai: $40,9 \pm 6,8$ vs. mãe: $37,9 \pm 6,2$; t-Student= 2,608; $p=0,010$). Na comparação das médias dos EIDs e das HSE-P entre pais e mães, foram detectadas diferenças estatisticamente significativa, sendo que neste primeiro momento não foi considerado o fator independente idade que diferiu entre os dois grupos. Em uma segunda etapa considerou-se a comparação do EIDs e das HSE-P

que se mostraram significativas, entre pais e mães, sobre a influência das variável idade, através da Análise de Covariância (ANCOVA). O resultado apontou que a idade dos investigados não apresentou impactos sobre as diferenças observadas.

Resultados

Nas comparações entre os EIDs em relação a pai e mãe, conforme consta na Tabela 1, verificou-se diferença entre os grupos, indicando que as mães mostraram pontuações mais elevadas que os pais. As diferenças se mostraram significativas nos esquemas de dependência/incompetência (Pai: $1,44 \pm 0,50$ vs. Mãe: $1,80 \pm 0,80$; $p=0,003$), emaranhamento (Pai: $1,60 \pm 0,54$ vs. Mãe: $2,00 \pm 1,10$; $p=0,003$), fracasso (Pai: $1,42 \pm 0,70$ vs. Mãe: $1,84 \pm 1,10$; $p=0,005$) e autossacrifício (Pai: $2,60 \pm 1,03$ vs. Mãe: $3,24 \pm 1,30$; $p=0,001$).

Tabela 1
Diferenças entre pais e mães em relação aos EIDs

YSQ – Domínios e Esquemas	Pai (n=46)		mãe (n=108)		p
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
Abandono	1,90	0,81	2,21	1,11	0,051
Desconfiança/abuso	2,04	0,93	2,30	1,23	0,195
Isolamento social	1,90	0,80	2,00	1,00	0,470
Defectividade/vergonha	1,40	0,70	1,50	0,90	0,555
Privação emocional	1,80	1,00	1,90	1,30	0,60
Dependência/incompetência	1,44	0,50	1,80	0,80	0,003**
Vulnerabilidade ao dano e a doença	2,10	1,03	2,50	1,40	0,088
Emaranhamento	1,60	0,54	2,00	1,10	0,003**
Fracasso	1,42	0,70	1,84	1,10	0,005**
Grandiosidade/arrogo	2,60	0,84	2,70	1,10	0,640
Autocontrole/autodisciplina insuficientes	2,05	0,80	2,35	1,00	0,072
Subjugação	1,63	0,61	1,90	1,10	0,091
Autossacrifício	2,60	1,03	3,24	1,30	0,001**
Busca por admiração e reconhecimento	2,51	1,00	2,50	1,16	0,917
Pessimismo/negativismo	2,23	1,05	2,50	1,22	0,270
Pradrões inflexíveis	3,60	1,30	3,50	1,15	0,546
Inibição emocional	2,34	1,03	2,40	1,30	0,911
Postura punitiva	2,13	0,90	2,40	1,20	0,216
Total_YSQ	2,10	0,60	2,30	0,81	0,093

Nota. Variáveis assimétricas analisadas pelo Teste de *Mann Whitney*, com descrição da mediana. **p significativo ao nível de 0,05

Após, avaliando a diferença entre HSE-P de pai e mãe, conforme descrito na Tabela 2, as pontuações médias das mães também se mostraram mais elevadas que dos pais. Os resultados demonstraram que as médias mais elevadas foram nos fatores estabelecer limites, corrigir e controlar (Pai: 3,01±0,61 vs. Mãe: 3,37±0,55; p=0,001), conversar e dialogar (Pai: 2,87±0,64 vs. Mãe: 3,19±0,51; p=0,004) e no fator total das HSE-P (Pai: 2,90±0,55 vs. Mãe: 3,12±0,42; p=0,017).

Tabela 2
Diferenças entre pais e mães em relação as HSE-P

HSE-P	Pai (n=46)		mãe (n=108)		p
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
Fator 1 Estabelecer limites, corrigir, controlar	3,01	0,61	3,37	0,55	0,001**
Fator 2 Demonstrar afeto e atenção	3,44	0,56	3,60	0,46	0,091
Fator 3 Conversar/dialogar	2,87	0,64	3,19	0,51	0,004**
Fator 4 Induzir disciplina	2,73	0,76	2,79	0,64	0,630
Fator 5 Organizar condições educativas	2,46	0,86	2,67	0,74	0,130
Fator total	2,90	0,55	3,12	0,42	0,017*

Nota. Variáveis com distribuição normal analisadas pelo Teste de ^T_{SEP}, com descrição da média, com descrição da mediana *p significativo ao nível de 0,05 ** p significativo ao nível de 0,01

Discussão

Neste estudo, as mães em comparação aos pais apresentaram pontuações mais elevadas em relação aos EIDs de dependência/incompetência, emaranhamento e fracasso. Segundo o construto de Young (2003), estes esquemas pertencem ao domínio de autonomia e desempenho prejudicados, que interfere nas expectativas sobre si e sobre o ambiente de incapacidade de se separar e sobreviver de forma independente. Tais resultados também foram identificados em estudos que diferem gênero masculino e feminino, indicando que as mulheres apresentam mais distorções de pensamento em relação aos homens (Luz, Santos, Cazassa, & Oliveira, 2012; Shorey, Anderson, & Stuart, 2012; Shorey, Stuart, & Anderson, 2013).

Nessa perspectiva, Zlomke e Hahn (2010) apontam que, diante de um evento estressor, há distinção entre a percepção do homem e da mulher. Os homens, frente à uma ameaça, por serem mais práticos e objetivos que as mulheres, geralmente utilizam estratégias automáticas de resolução de problemas, o que nas mulheres não ocorre igualmente, fazendo com que estas acabem negando o evento negativo, resultando em maior ansiedade e em preocupação excessiva.

Outro ponto a se considerar em relação às mães apresentarem mais EIDs que os pais, é que as mães, assumindo o papel do gênero feminino, apresentam maior vulnerabilidade psicológica e predisposição a psicopatologias do que os homens (Boscardin & Kristensen, 2011; Brenning, Bosmans, & Theuwis, 2012; McBride, Bacchioni, & Bagby, 2005), o que possivelmente está relacionado a estratégias de enfrentamento menos efetivas presentes no gênero feminino (Garnefski, Teerds, Kraaij, Legerstee, & Kommer, 2004). Diante disso, pode-se dizer que os EIDs presentes no domínio autonomia e desempenho prejudicados, por apresentarem sensações de insegurança em executar atividades cotidianas sem o auxílio de outra pessoa, acabam resultando em estratégias comportamentais desadaptativas de dependência e necessidade do outro para resolução de problemas, incluindo o exercício e demandas que compreendem a maternidade e práticas de educar (Wainer, Paim, Erdos, & Andriola, 2016).

Dessa forma, entende-se que devido as mães apresentarem maiores índices nos EIDs de fracasso e dependência/incompetência, experenciam a ideia de que não irão dar conta, que fracassarão ou se sentirão incompetentes na educação dos filhos, acabando, assim, por terceirizar ou depender dos outros para práticas educativas (Lopes, 2011). Da mesma forma, mães emaranhadas com a família de origem podem apresentar dificuldade em criar e educar seus filhos com autonomia, como é interpretado pelo esquema de emaranhamento (Azar et al., 2005).

No que se refere ao esquema de autossacrifício, que pertence ao domínio de orientação para o outro, as mães também apresentaram mais este esquema em relação aos pais. Pessoas com este esquema mais ativado tendem a apresentar um foco excessivo nas necessidades dos outros e acreditam que as suas necessidades têm que ser reprimidas para serem amadas e reconhecidas (Young, 2003).

Um estudo nacional que objetivou verificar se os EIDs diferem entre homens e mulheres, identificaram nos resultados que o esquema de autossacrifício apresenta maior índice no gênero feminino do que no masculino. Ainda assim, foi identificado que as mulheres apresentam mais comportamentos de autosacrifício nas relações profissionais e de submissão dos seus prazeres nos relacionamentos afetivos (Luz, Santos, Cazassa, & Oliveira, 2012). Na maternidade, as mães apresentam desde a gestação, bem como diante dos cuidados e alimentação do seu bebê, mudanças na sua rotina diária e profissional que colocam suas necessidades em segundo plano (Rosa et al., 2010).

Entende-se que, na maternidade, mães com esquema de autossacrifício podem apresentar a mesma sensação, podendo assim, experimentar a prática educativa como um lugar de grande sacrifício e subjugação das suas necessidades e deixar de lado a sua individuação (Azar et al., 2005). Por este motivo, acabam cobrando dos filhos algo em troca, como reconhecimento ou aprovação, ou apresentando manifestações e explosões de raiva (Azar, Reitz, & Goslin, 2008). Estas manifestações podem interferir em prejuízo na relação pais e filhos, assim como prejuízos na autoestima infantil, necessitando de aceitação social, em prol de obter amor e atenção (Wainer, 2016).

Os aspectos que envolvem a parentalidade podem apresentar respostas automatizadas, em que não se dispõe espaço para olhar as consequências ou prejuízos. A prática parental acaba sendo guiada pelo humor parental e não pelo caráter educativo. Dessa forma, o autoconhecimento dos EIDs na parentalidade é extremamente necessário já que nesta fase ocorrem diversas mudanças na configuração do casal, percepções diferentes sobre a educação, lembranças das suas histórias infantis, assim como um maior investimento dos pais com seus filhos (Azar, Reitz, & Megan, 2008; Lopes & Lopes, 2015).

Quanto às categorias de HSE-P investigadas em relação a pai e mãe, as mães relataram serem mais habilidosas que os pais em comunicação e expressividade com seus filhos, bem como estabeleciam mais limites e demonstravam mais controle dos seus comportamentos. Além disso, sobressaíram-se no fator total das habilidades em educar. Tais achados corroboram o estudo de Bolsoni-Silva e Marturano (2008), que objetivou comparar as HSE entre pais e mães, apresentando nos resultados que as mães se envolviam mais com os filhos, apresentando mais habilidades de comunicação e expressividade que os pais. No mesmo sentido, em um estudo que avaliou a percepção dos filhos sobre as habilidades parentais, as mães também foram percebidas como apresentando melhores indicadores de comunicação e participação do que os pais (Cia, Pamplim & Prette, 2006). As autoras Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) identificaram em seus achados que as mães, além de conversarem mais com os filhos e expressarem mais sentimentos e opiniões, também estabeleciam mais limites diante de comportamentos inadequados dos filhos. A redução de tais comportamentos tende a contribuir com a diminuição de práticas negativas com punições ou gritos para restrição de comportamentos infantis (Brasil & Cia, 2013a; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2010).

Tendo em vista as HSE se destacarem mais nas mães, há duas possíveis explicações para tais achados. A primeira, em relação à diferença de vínculos materno e paterno, em que as mães foram identificadas como mais cuidadosas do que os pais (Zafiropoulou, Avagianou, & Vassiliadou, 2014). A segunda corresponde ao nível de sensibilidade ser um fator marcante que difere a personalidade de homens e mulheres. Estas apresentam um nível mais alto de sensibilidade para com os outros do que os homens, como estarem atentas às necessidades, às opiniões e aos desejos das outras pessoas (Bekker & Assen, 2008). Além disso, há outros fatores que contribuem com essa diferenciação, como questões culturais e crenças sociais que caracterizam cada

gênero separadamente. As mães, mais especificamente, que na maioria dos casos são as principais responsáveis na educação dos filhos, podendo expressar mais livremente seus sentimentos e afeto. Em contrapartida, os pais assumem o papel do sexo masculino, que apresenta maior restrição emocional e de envolvimento que a mulher (Zamarripa, Wampold, & Gregory, 2003).

Considerações Finais

O presente estudo trouxe contribuições a respeito da diferença entre pais e mães em relação aos EIDs e às HSE-P. Além do mais, demonstra a importância de uma área inovadora e não tão explorada, levando-se em consideração aspectos cognitivos, como EIDs parentais, possibilitando a compreensão da diferença de padrões desadaptativos entre pai e mãe e de práticas educativas.

A sensibilidade das mães, assim como influências culturais, possibilita ainda às mães serem mais habilidosas na educação dos filhos e se expressarem mais que os pais. Acerca desta questão, a complexidade dos sentimentos presentes no gênero feminino acaba contribuindo para uma maior vulnerabilidade psicológica e pré-disposições de esquemas disfuncionais, bem como a psicopatologias, podendo influenciar de forma negativa na interpretação realista de fatos e questões sobre o comportamento esperado do desenvolvimento infantil.

O fato das mães apresentarem mais esquemas presentes no domínio de autonomia e desempenho prejudicados, que interferem na interpretação da capacidade e desempenho em lidar com diversas situações que envolvem autonomia. Na maternidade, estas interpretações podem interferir em modelos educativos inefetivos, superprotetor e geralmente destruidor da confiança da criança. Nesse sentido, vão apresentar dificuldade de dar para os filhos espaço para autonomia, assim como

estimulá-los em habilidades educativas que envolvem tomadas de decisões e resolução de problemas. No esquema de autossacrifício, em que as mães por apresentarem comportamentos de estar sempre pronta a atender as necessidades dos outros em prol de obter amor e admiração, não valorizando as suas próprias opiniões e desejos. No exercício da maternidade podem interferir em déficits de modelo e práticas educativas, que envolvem estimular nas escolhas e realizações pessoais, sem se preocupar com desejos externos, o que faz com que a autoestima fique condicionada a aceitação social.

No que tange às limitações deste estudo, a amostra não foi diferenciada como clínica e não clínica, o que possibilitaria verificar possíveis diferenças entre estas variáveis a fim de maior aprofundamento para fins psicoterápicos de auxílio dos pais na clínica infantil e treino de pais. Com base nos resultados deste estudo, sugestionam-se estudos futuros de intervenção preventiva com casais de pais, uma vez que, o maior envolvimento de ambos os pais pode ser benéfico na divisão dos papéis parentais, em que as mães ainda acabam se envolvendo mais nessa prática, quanto para os filhos que podem receber mais apoio e sentirem-se menos negligenciados.

Outra sugestão diz respeito a estudos que avaliem também o comportamento dos filhos, além dos esquemas parentais e as HSE-P. Apesar da ausência dessa informação, os resultados do presente estudo possibilitam uma reflexão para pesquisadores e clínicos, permitindo desconstruir crenças e pensamentos mais profundos das mães que podem interferir nas práticas de educação, assim como verificar medidas que auxiliem os pais se envolverem mais em estímulos educativos com os seus filhos.

Referências

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP. (2015). Retrieved from

<https://goo.gl/7hhW5p>

- Azar, S. T., Nix, R. L., & Makin-Byrd, K. N. (2005). Parenting schemas and the process of change. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*, 45-58. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01542.x
- Azar, S. T., Reitz, E.B. & Goslin, C. (2008). Mothering: Thinking is part of the job description: Application of cognitive views to understanding maladaptive parenting and doing intervention^[...]and prevention work. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 295-304. doi:10.1016/j.appdev.2008.04.009
- Bekker, M. H. J. & Assen, M. A. L. M. (2008). Autonomy-connectedness and gender. *Sex Roles, 59*(7), 532-544. doi:10.1007/s11199-008-9447-x
- Blissett, J., Meyer, C., Farrow, C., Bryant-Waugh, R., & Nicholls, D. (2005). Maternal core beliefs and children's feeding problems. *International Journal of Eat Disorders, 37*, 127-134. doi:10.1002/eat.20070
- Bolsoni-Silva, A. T., & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? *Argumento, 4*(7), 71-86.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2010). Validação do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE- HSE-P). *Avaliação Psicológica, 9*(1), 63-75. Retrieved from <https://goo.gl/sxdvZc>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia, 21*, 61-71. Retrieved from <https://goo.gl/f4EJbZ>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades Sociais Educativas Parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia, 27*(1), 126-138. Retrieved from <https://goo.gl/wBQR1Q>
- Boscardin, M. K., & Kristensen, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia, 3*(1), 517-526. doi:

10.18256/2175-5027/psico-imed.v3n1p517-526

Brasil, S. E. R., & Cia, F. (2013a). *Pais e filhos: habilidades sociais educativas parentais e habilidades sociais infantis*. VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, Londrina. Retrieved from <https://goo.gl/vwzHjG>

Brasil, S. E. R., & Cia, F. (2013b). *Problemas de comportamento infantil e suas correlações com o repertório de habilidades sociais educativas parentais*. VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, Londrina. Retrieved from <https://goo.gl/nrcgnv>

Brenning, K., Bosmans, G., & Theuwis, C. B. L. (2012). Gender Differences in Cognitive Schema Vulnerability and Depressive Symptoms in Adolescents. *Behaviour Change*, 29, 164-182. doi:10.1017/bec.2012.15

Creveling, C., Varela, J., Weems, F., & Corey, D. M. (2010). Maternal control, cognitive style, and childhood anxiety: a test of a theoretical model in a multi-ethnic sample. *Journal of Family Psychology*, 24(4), 439-448. doi: 10.1037/a0020388

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia*, 18(41), 517-530. doi:10.1590/S0103-863X2008000300008

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2013). Inventário de habilidades sociais educativas – versão pais (IHSE-Pais): dados psicométricos preliminares. Relatório não publicado disponível com os autores.

Garnefski, N., Teerds, J., Kraaij, V., Legerstee, J., & Kommer, T. (2004). Cognitive emotion regulation strategies and depressive symptoms: differences between males and females. *Personality and Individual Difference*, 36(2), 267-276. doi: 10.1016/S0191-8869(03)00083-7

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

- Leme, V. B. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais educativas parentais e comportamentos de pré-escolares. *Estudos de Psicologia, 15*(2) 161-173.
doi:10.1590/S1413-294X2010000200005
- Lopes, R. F. F. & Lopes, E. J. (2015). Conhecendo-se para educar: orientação cognitivo-comportamental para pais. Porto Alegre: Synopsys.
- Lopes, R. F. F. (2011). Contribuições da Terapia Cognitiva do esquema de J. Young para a avaliação e treinamento de Pais. In M. G. Caminha & R. M. Caminha (Orgs.). *Intervenções e Treinamento de Pais na Clínica Infantil* (pp.121-148). Porto Alegre: Synopsys.
- Luz, F. Q., Santos, P. L., Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2012). Diferenças nos esquemas iniciais desadaptativos de homens e mulheres. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 8*(2), 85-92. doi:10.5935/1808-5687.20120013
- McBride, C., Bacchiochi, J. R., & Bagby, R. M. (2005). Gender differences in the manifestation of sociotropy and autonomy personality traits. *Personality and Individual Differences, 38*(1), 129-136. doi:10.1016/j.paid.2004.03.014
- Ministério da Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Retrieved from <https://goo.gl/wPR5uv>
- Rijo, D., & Pinto Gouveia, J. (1999). *A new instrument for the assessment of early maladaptive schemas*. Poster presented to the Society for Psychotherapy Research 30th Annual Meeting, Braga.
- Rosa, R., Martins, F. E., Gasperi, B. L., Monticelli, M., Siebert, E. R. C., & Martins, N. M. (2010). Mãe e filho: os primeiros laços de aproximação. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 14*(1) 105-12. Retrieved from <https://goo.gl/n7wB3H>
- Shorey, R. C., Stuart, G. L., & Anderson, S. (2013). Do gender differences in depression remain after controlling for early maladaptive schemas? An examination in a sample

of opioid dependent treatment seeking adults. *Clin Psychol Psychother*, 20, 401-410.
doi:10.1002/cpp.1772

Shorey, R.C., Stuart, G.L., & Anderson, S. (2013). Early maladaptive schemas among young adult male substance abusers: a comparison with a non-clinical group. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 44(5), 522-527. doi:10.1016/J.JSAT.2012.12.00

Sierra, A. V., Cortés, A. N., & García, D. M. (2012). Relación mediacional de los esquema cognitivos maternos en los problemas de comportamiento infantil. *Psicología y Salud*, 22(1), 27-36. Retrieved from <https://goo.gl/VwwSfE>

Wainer, R. (2016). O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In R. Wainer, Paim, K, Erdos, R & Andriola, R. (Orgs.). *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp.15-26). Porto Alegre: Artmed.

Wainer, R., Paim, K., Erdos, R. & Andriola, R. (2016). *Terapia cognitiva focada em esquemas*. (pp.15-26). Porto Alegre: Artmed.

Young, J. E. (2003). *Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada no esquema*. (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed.

Young, J. E.; Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

Zafiropoulou, M., Avagianou, P. A., Vassiliadou, S. (2014) Parental Bonding and Early Maladaptive Schemas. *J Psychol Abnorm Child*, 3(110). doi:10.4172/2329-9525.10001107

Zamarripa, M. X., Wampold, B. E., & Gregory, E. (2003). Male gender role conflict, depression and anxiety: Clarification and generalizability to women. *Journal of Counseling Psychology*, 50, 167-174. doi: 10.1037/0022-0167.50.3.333

Zlomke, K. R., & Hahn, K. S. (2010). Cognitive emotion regulation strategies: gender differences and association to worry. *Personality and Individual Differences, 48*(4), 408-413. doi:10.1016/j.paid.2009.11.007

Considerações Finais da Dissertação

Mesmo que já existam muitos estudos sobre a importância dos pais no desenvolvimento saudável de seus filhos, esta problemática permanece sendo explorada. Tais estudos visam relacionar práticas negativas de educação à psicopatologia infantil, já que os pais, além de ocuparem um importante papel no desenvolvimento psicossocial dos seus filhos, são os seus primeiros agentes socializadores e, muitas vezes, apresentam comportamentos e estímulos educativos deficitários no seu repertório comportamental, como déficits de habilidades sociais no processo de educação dos filhos (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011; Bolsoni-Silva & Marturano, 2008; Bolsoni-Silva, Silveira, & Marturano, 2008; Leme & Bolsoni-Silva, 2010). No entanto, pouco se fala sobre o processamento cognitivo mais profundo, acerca da maternidade e paternidade e seus efeitos sobre as habilidades de educação. Não foram identificados estudos brasileiros que avaliem EIDs parentais diante as práticas de educação. Isso pode ser compreendido por se tratar de um fenômeno atual no ramo da pesquisa. Dessa forma, esta dissertação uniu fenômenos relevantes e complexos com objetivo de verificar o que pode estar por trás de uma prática inefetiva de educação, como os EIDs de Jeffrey Young.

A partir dos objetivos que a presente dissertação se propôs, o primeiro artigo contribuiu para destacar a maior presença do domínio de supervigilância e inibição e do esquema de padrões inflexíveis nos pais e mães, reforçando a perspectiva que esquemas presentes neste domínio tendem a influenciar em uma pressão provocada por crenças e

regras rígidas o que pode interferir em comportamentos dos pais curtirem e aproveitarem em atividades lúdicas com seus filhos (Sierra, Cortés, & Garcia, 2012; Sierra & Vega, 2014). Em contrapartida, nas HSE-P apresentaram médias elevadas em comportamentos que envolvem afeto e atenção aos filhos. Entende-se que este fator previne comportamentos de negligência e rejeição, assim como desenvolver EIDs presentes no domínio de desconexão e rejeição nos filhos (Calvete, Orue, & Hankin, 2015; Sabbag & Bolsoni-Silva, 2011).

Quando os EIDs foram relacionados com as HSE-P, entende-se que a interpretação distorcida apresentada por cada esquema tende a interferir em estratégias desadaptativas em cada habilidade educativa identificada pelos pais, com prejuízo em algumas habilidades. Como visto nos resultados dos pais que apresentam esquema de busca de admiração e reconhecimento presentes no seu funcionamento, tende a demonstrar menos habilidades de afeto e atenção a seus filhos, decorrentes de suas histórias e privações infantis, apresentando déficits de tais HSE-P (Azar, Reitz, & Goslin, 2008; Wainer, 2016; Young, Klosko, & Weishaar, 2008).

No esquema de postura punitiva evidenciado no funcionamento parental, os pais podem demonstrar intolerância a imperfeições e dificultar na empatia com seus filhos (Alvarenga, Weber, & Bolsoni-Silva, 2016; Lopes, 2011; Lotfy & Yarahmadi, 2014). Da mesma forma, a sensação de medo e insegurança ativada pelos esquemas de fracasso e vulnerabilidade podem despertar no comportamento dos pais habilidades que envolvem preparar e se envolver mais em organizar condições educativas para os filhos (Wainer, 2016; Young, 2003).

Por fim, o segundo artigo permitiu compreender que a complexidade dos sentimentos ser mais presente no gênero feminino, assim como influências culturais, possibilitam ainda às mães serem mais habilidosas que os pais nas práticas educativas

dos filhos (Bolsoni-Silva & Marturano, 2008; Zamarripa, Wampold, & Gregory, 2003). Pode-se dizer que tal complexidade emocional, entre outros fatores presente no gênero feminino potencializa a maior predisposição a psicopatologias, decorrentes de maiores distorções de pensamentos e estratégias menos efetivas em lidar com situações que os homens (Boscardin & Kristensen, 2011; Garnefski, et al., 2004). As mães apresentaram mais EIDs que compõe o segundo domínio, demonstrando maior insegurança de funcionar de forma independente, além do esquema de autossacrifício, que envolve maior direcionamento para atender as necessidades e sentimentos dos outros (Luz, Cazassa & Oliveira, 2012). Mesmo as mães apresentando serem mais habilidosas que os pais, os EIDs quando ativados por situações ambientais, dependendo da sua carga emocional, tendem a interferir nas interações sociais, bem como na maternidade e prejudicar em questões sobre o comportamento esperado do desenvolvimento infantil (Lopes & Lopes, 2015).

Como limitações do presente estudo, o YSQ-S3 é um instrumento que pode desencadear respostas de enfrentamento de evitação, as quais podem interferir nos resultados. Assim como o IHSE-Pais não medir práticas negativas parentais, possivelmente poderiam apresentar mais resultados relacionados aos EIDs. Assim como não foram diferenciadas variáveis como população clínica e não clínica, o que possibilitaria verificar possíveis diferenças entre estas variáveis a fim de maior aprofundamento de intervenção.

Com base nos resultados deste estudo, sugestionam-se estudos futuros de intervenção preventiva que avaliem amostra de ambos os genitores, para verificar como está o processo de educar com seu filho. Mesmo com as limitações encontradas, os resultados desta pesquisa podem auxiliar os pais, mostrando que muitas práticas inefetivas de educação podem estar relacionadas a crenças e regras mais profundas, como

EIDs.

Ao mesmo tempo, destaca-se alguns diferenciais, como avaliar os EIDs parentais, sendo que não foram encontradas pesquisas empíricas nacionais investigando esta amostra, além de que os dados desta pesquisa visam não só prevenir EIDs nos filhos, mas buscar auxiliar os pais nesta identificação. Acredita-se que os resultados obtidos possam contribuir com informações que sirvam tanto para pesquisadores quanto para clínicos servindo como elaboração de propostas de intervenção clínica em treino de pais, levando-se em consideração aspectos cognitivos, como EIDs parentais.

Referências da Dissertação

- Alvarenga, P., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4-2. Retrieved from <https://goo.gl/tXc5FJ>
- Azar, S. T., Nix, R. L., & Makin-Byrd, K. N. (2005). Parenting schemas and the process of change. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31, 45-58. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01542.x
- Azar, S. T., Reitz, E.B. & Goslin, C. (2008). Mothering: Thinking is part of the job description: Application of cognitive views to understanding maladaptive parenting and doing intervention^[1] and prevention work. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 295–304. doi:10.1016/j.appdev.2008.04.009
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia*, 21, 61-71. Retrieved from <https://goo.gl/jofSxW>

- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades Sociais Educativas Parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, 27(1)126-138. Retrieved from <https://goo.gl/xtSaHK>
- Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, F. F., & Marturano, E. M. (2008). Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(2), 125-142. Retrieved from <https://goo.gl/fHZK39>
- Boscardin, M. K., & Kristensen, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia*, 3(1), 517-526. doi: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v3n1p517-526
- Brasil, S. E. R., & Cia, F. (2013b). *Problemas de comportamento infantil e suas correlações com o repertório de habilidades sociais educativas parentais*. VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, Londrina. Retrieved from <https://goo.gl/wyNo6N>
- Calvete, E., Orue, I., & Hankin, B. L. (2015). A Longitudinal Test of the Vulnerability-Stress Model with Early Maladaptive Schemas for Depressive and Social Anxiety Symptoms in Adolescents. *J. Psychopathol Behav Assess*, 37(1), 85-99. doi:10.1007/s10862-014-9438-x
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16(35), 395-406. doi:10.1590/S0103-863X2006000300010
- Eames, C., Daley, D., Hutchings, J., Whitaker, C. J., Bywater, T., Jones, K., & Hughes, J. C. (2010). The impacto of group leaders' behaviour on parentes acquisition of key parenting skills during parent training. *Behaviour Research ans Therapy*, 48(12), 1221-1226. doi:10.1016/j.brat.2010.07.011

- Flach, K., Lobo, B. O. M., & Potter, J. R. (2011). As práticas educativas na família e a importância da presença parental. *Psicologia.PT – O portal dos Psicólogos*, 1-11. Retrieved from: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0276.pdf>.
- Garnefski, N., Teerds, J., Kraaij, V., Legerstee, J., & Kommer, T. (2004). Cognitive emotion regulation strategies and depressive symptoms: differences between males and females. *Personality and Individual Difference*, 36(2), 267-276. doi:10.1016/S0191-8869(03)00083-7
- Leme, V. B. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais educativas parentais e comportamentos de pré-escolares. *Estudos de Psicologia*, 15(2) 161-173. doi:10.1590/S1413-294X2010000200005
- Lopes, R. F. F. & Lopes, E. J. (2015). Conhecendo-se para educar: orientação cognitivo-comportamental para pais. Porto Alegre: Synopsys.
- Lopes, R. F. F. (2011). Contribuições da Terapia Cognitiva do esquema de J. Young para a avaliação e treinamento de Pais. In M. G. Caminha & R. M. Caminha (Orgs.). *Intervenções e Treinamento de Pais na Clínica Infantil* (pp.121-148). Porto Alegre: Synopsys.
- Lotfy, S., & Yarahmadi, Y. (2014). Study the Relationship between Early Maladaptive Schemas and Parenting Styles. *International Journal of Academic Research in Psychology*, 1(2), 32-41. doi:10.6007/IJARP/v1-i2/1070
- Luz, F. Q., Santos, P. L., Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2012). Diferenças nos esquemas iniciais desadaptativos de homens e mulheres. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(2), 85-92. doi:10.5935/1808-5687.20120013
- Sabbag, G. M., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). A relação da Habilidades Sociais Educativas e das práticas educativas maternas com problemas de comportamento em adolescentes. *Estudos em Pesquisa em Psicologia*, 11 (2), 423-441. Retrieved from

<https://goo.gl/tGbL2u>

Sierra, A. V., & Vega, M. G. P. (2014). El papel de los esquemas cognitivos y estilos de parentales en la relación entre prácticas de crianza y problemas de comportamiento infantil. *Avances en Psicología Latino Americana*, 32(3) 389-402.

doi:10.12804/apl32.03.2014.04

Sierra, A. V., Cortés, A. N., & García, D. M. (2012). Relación mediacional de los esquema cognitivos maternos en los problemas de comportamiento infantil.

Psicología y Salud, 22(1), 27-36. Retrieved from <https://goo.gl/2EXVgy>

Wainer, R. (2016). O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In

R. Wainer, Paim, K, Erdos, R & Andriola, R. (Orgs.). *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp.15-26). Porto Alegre: Artmed.

Young, J. E. (2003). *Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada no esquema*. (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed.

Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

Zamarripa, M. X., Wampold, B. E., & Gregory, E. (2003). Male gender role conflict, depression and anxiety: Clarification and generalizability to women. *Journal of Counseling Psychology*, 50(3), 333-338. doi: 10.1037/0022-0167.50.3.333

Apêndices

Apêndice A – Questionário Sociodemográfico

QUESTIONÁRIO DE DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS						Nº PROTOCOLO:		Nº BANCO DE DADOS:						
DATA DA ENTREVISTA: ___/___/___ ENTREVISTADOR:														
NOME:														
DATA DE NASCIMENTO: ___/___/___ IDADE: _____ SEXO: 1- () MASCULINO 2- () FEMININO														
TELEFONES: RESIDENCIAL/CELULAR/RECADOS:														
CIDADE:						EMAIL:			() NÃO POSSUI					
ESCOLARIDADE			RENDA FAMILIAR			COM QUEM MORA			ESTADO CIVIL					
1 - () 1º GRAU INCOMPLETO			ATÉ:			1- () SOZINHO			1- () SOLTEIRO					
2 - () 1º GRAU COMPLETO (até 8ª)			1-() 1 SAL MÍNIMO			2- () PAI E MÃE APENAS			2- () CASADO					
3 - () 2º GRAU INCOMPLETO			2-() 2 SAL MÍNIMO			3- () PAI OU COM MÃE APENAS			3- () VIÚVO					
4 - () 2º GRAU COMPLETO (Ens. Med)			3-() 3 SAL MÍNIMO			4- () PAI, MÃE E OUTROS			4- () DIVORCIADO					
5 - () ENSINO SUP INCOMPLETO			4-() 4 SAL MÍNIMO			5- () COMPANHEIRO APENAS			5- () COM COMPANHEIRO					
6 - () ENSINO SUP COMPLETO			5-() 5 SAL MÍNIMO			6- () MAIS UMA PESSOA			6- () SEPARADO					
7 - () PÓS GRADUAÇÃO			6-() + DE 5 SAL MÍNIMO			7- () MAIS DUAS PESSOAS			7- () NAMORANDO					
8 - () ENSINO TÉCNICO			7-() NÃO SABE			9- () MAIS 4 PESSOAS			8- () MORANDO JUNTO					
						10- () 5 OU MAIS PESSOAS			Desde ___/___/___					
ESTUDOS		TRABALHO				FILHOS								
ESTUDA ATUALMENTE? () SIM () NÃO O QUE ESTUDA? _____		TRABALHA ATUALMENTE? () SIM () NÃO APOSENTADO? () SIM () NÃO TRABALHO REMUNERADO? () SIM () NÃO VALOR DA REMUNERAÇÃO R\$ _____ QUAL ATIVIDADE? _____ QUAL A CARGA HORÁRIA? _____				TEM FILHOS? () SIM () NÃO QUANTOS? _____ IDADE DOS FILHOS: _____ RESIDE COM TODOS OS FILHOS? () SIM () NÃO SE NÃO: ELES CONVIVEM COM QUEM? _____								
PSICOLOGIA														
VOCÊ JÁ FEZ ALGUM TIPO DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO?						() SIM () NÃO								
SIM	NÃO	TIPO	DURAÇÃO	Motivo da procura do tratamento		Motivo do término do tratamento								
		Terapia Familiar												
		Terapia Individual												
		Terapia de Casal												
		Orientação de pais												
		Outros												
PSIQUIATRIA														
VOCÊ JÁ FEZ ALGUM TIPO DE ATENDIMENTO PSQUIÁTRICO?						() SIM () NÃO								
MOTIVO DA PROCURA DO TRATAMENTO						TOMA ALGUM MEDICAMENTO?								
						() SIM () NÃO								
						QUAL MEDICAMENTO?								
CRITÉRIOS BRASIL		0	1	2	3	4OU+	GRAU DE INSTRUÇÃO DO CHEFE DE FAMÍLIA							
Televisão em Cores		0	1	2	3	4	Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1º. Grau		0					
Rádio		0	1	2	3	4	Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1º. Grau		1					
Banheiro		0	4	5	6	7	Fundamental completo/ 1º. Grau completo		2					
Automóvel		0	4	7	9	9	Médio completo/ 2º. Grau completo		4					
Empregada Mensalista		0	3	4	4	4	Superior completo		8					
Máquina de Lavar		0	2	2	2	2	CORTES DO CRITÉRIO BRASIL			Score Bruto				
Vídeo Cassete e/ou DVD		0	2	2	2	2	(1)A1	(2)A2	(3)B1	(4)B2	(5)C1	(6)C2	(7)D	(8)E
Geladeira		0	4	4	4	4	42 – 46	35 – 41	29 – 34	23 – 28	18 – 22	14 – 17	8 – 13	0 – 7
Freezer (independente ou parte da geladeira duplex)		0	2	2	2	2	0,9%	4,1%	8,9%	15,7%	20,7%	21,8%	25,4%	2,6%

DADOS DO FILHO (ALVO DA PESQUISA)							
NOME:		DATA DE NASCIMENTO: ___/___/___			IDADE:		
FREQUENTA ESCOLA?	<input type="checkbox"/> SIM	TIPO DE ESCOLA	<input type="checkbox"/> Municipal	<input type="checkbox"/> Estadual	<input type="checkbox"/> Particular	<input type="checkbox"/> Creche informal (pessoa que cuida de várias crianças em casa)	
	<input type="checkbox"/> NÃO	QUEM COSTUMA CUIDAR DO FILHO?	<input type="checkbox"/> Mãe	<input type="checkbox"/> Pai		<input type="checkbox"/> Avó	<input type="checkbox"/> Irmã(o)
			<input type="checkbox"/> Tia	<input type="checkbox"/> Babá/empregada	<input type="checkbox"/> Vizinho(a)	<input type="checkbox"/> Outro	
OBSERVAÇÕES							

Apêndice B – Aprovação do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão agosto/2013

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 139/2015

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 15/156 **Versão do Projeto:** 15/09/2015 **Versão do TCLE:** 15/09/2015


Coordenadora:
Mestranda Mariana Squefi (PPG em Psicologia)

Título: Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas parentais..

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 466/12, item XI.2, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 15 de setembro de 2015.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
 Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
 Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas parentais”, realizado pela pesquisadora Mariana Squefi, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da UNISINOS, com orientação da Prof.^a Dr.^a Ilana Andretta.

O estudo tem como objetivo compreender as suas características na relação com o seu filho (a) e a forma como você se relaciona com ele (a). Percebe-se que as habilidades educativas dos pais exercem influência significativa na saúde e desenvolvimento dos seus filhos, todavia compreender o que leva os pais a apresentarem um repertório deficitário de algumas habilidades mostra-se como uma lacuna científica. Assim, essa pesquisa visa possibilitar apoio para os pais durante este período do desenvolvimento e não os reforçar como causadores dos problemas apresentados por seus filhos.

Sua participação envolve o preenchimento de instrumentos como questionários e inventários psicológicos, em um encontro com a duração de 1 hora e 30 min aproximadamente. A participação neste estudo é isenta de despesas, bem como não haverá ganhos diretos advindos desta pesquisa e poderá oferecer riscos mínimos, como desconforto ou constrangimento. Se houver algum desconforto durante o processo, informe o pesquisador para os encaminhamentos possíveis e necessários.

Sua participação é voluntária, ou seja, é livre para decidir sobre a ação e poderá se retirar a qualquer momento sem haver prejuízo. Mesmo sem ter benefícios diretos em participar, você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção do conhecimento científico.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificar sua identidade. Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhuma informação que possa lhe identificar. Esses dados serão arquivados pela pesquisadora responsável nas dependências do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Unisinos por um período de cinco anos.

As dúvidas da pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável Mariana Squefi, fone (51) 8209-0974, e-mail: mariana.squefi@yahoo.com.br ou Ilana Andretta (51) 3591-1122 ramal: 1254, e-mail: ilana.andretta@gmail.com. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em poder do participante e a outra com a pesquisadora.

 Mariana Squefi
 Pesquisadora responsável

 Local e data

 Ilana Andretta
 Orientadora

 Local e data

CEP - UNISINOS
 VERSÃO APROVADA
 Em: 16 / 09 / 15

 Nome e assinatura do participante

 Local e data

Apêndice D – Questionário de Esquemas de Young— YSQ – S3

(Tradução e Adaptação de J. Pinto Gouveia, D. Rijo e M.C. Salvador, 2005, revista)

Nome: _____ Idade: _____

Estado civil: _____ Grau de instrução: _____ Profissão: _____

INSTRUÇÕES

Estão indicadas a seguir algumas afirmações que podemos utilizar quando nos queremos descrever. Por favor, leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela se aplica a si, *ao longo do último ano*. Quando tiver dúvidas, responda baseando-se no que *sente* emocionalmente e não no que pensa ser verdade.

Algumas das afirmações referem-se à sua relação com os seus pais ou companheiro(a). Se alguma destas pessoas faleceu, por favor responda a estas questões com base na relação que tinha anteriormente com elas. Se, atualmente, não tem um(a) companheiro(a) mas teve relacionamentos amorosos no passado, por favor responda com base no seu relacionamento amoroso significativo mais recente.

Para responder até que ponto a afirmação o(a) descreve, utilize a escala de resposta abaixo indicada, escolhendo, de entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor se ajusta ao seu caso. Escreva o número da resposta no respectivo espaço em branco.

ESCALA DE RESPOSTA

1	Completamente falso, isto é, não tem absolutamente nada a ver com o que acontece comigo.
2	Falso na maioria das vezes, isto é, não tem quase nada a ver com o que acontece comigo.
3	Ligeiramente mais verdadeiro do que falso, isto é, tem ligeiramente a ver com o que acontece comigo.
4	Moderadamente verdadeiro, isto é, tem moderadamente a ver com o que acontece comigo.
5	Verdadeiro a maioria das vezes, isto é, tem muito a ver com o que acontece comigo.
6	Descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo.

1	Não tenho tido ninguém que cuide de mim, que partilhe comigo a sua vida ou que se preocupe realmente com tudo o que me acontece.	1	2	3	4	5	6
2	Costumo apegar-me demasiado às pessoas que me são mais próximas porque tenho medo que elas me abandonem.	1	2	3	4	5	6
3	Sinto que as pessoas se vão aproveitar de mim.	1	2	3	4	5	6

4	Sou um(a) desajustado(a).	1	2	3	4	5	6
5	Nenhum homem/mulher de quem eu goste pode gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos ou fraquezas.	1	2	3	4	5	6
6	Quase nada do que faço no trabalho (ou na escola) é tão bom como o que os outros são capazes de fazer.	1	2	3	4	5	6
7	Não me sinto capaz de me desenvencilhar sozinho(a) no dia-a-dia.	1	2	3	4	5	6
8	Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer.	1	2	3	4	5	6
9	Não tenho sido capaz de me separar dos meus pais, tal como fazem as outras pessoas da minha idade.	1	2	3	4	5	6
10	Sinto que, se fizer o que quero, só vou arranjar sarilhos.	1	2	3	4	5	6
11	Sou sempre eu que acabo por tomar conta das pessoas que me são mais chegadas.	1	2	3	4	5	6
12	Sou demasiado controlado(a) para revelar os meus sentimentos positivos aos outros (por ex., afeto, mostrar que me preocupo).	1	2	3	4	5	6
13	Tenho que ser o(a) melhor em quase tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar.	1	2	3	4	5	6
14	Tenho muita dificuldade em aceitar um "não" por resposta quando quero alguma coisa dos outros.	1	2	3	4	5	6
15	Não sou capaz de me forçar a ter disciplina suficiente para cumprir tarefas rotineiras ou aborrecidas	1	2	3	4	5	6
16	Ter dinheiro e conhecer pessoas importantes faz-me sentir uma pessoa com valor.	1	2	3	4	5	6
17	Mesmo quando as coisas parecem estar a correr bem, sinto que isso é apenas temporário.	1	2	3	4	5	6
18	Se cometer um erro, mereço ser castigado	1	2	3	4	5	6
19	Não tenho pessoas que me dêem carinho, apoio e afeto.	1	2	3	4	5	6
20	Preciso tanto dos outros que me preocupo com o facto de os poder perder.	1	2	3	4	5	6
21	Sinto que tenho sempre que me defender na presença dos outros, senão eles magoar-me-ão intencionalmente.	1	2	3	4	5	6
22	Sou fundamentalmente diferente dos outros.	1	2	3	4	5	6
23	Ninguém que me agrada gostaria de ficar comigo depois de me conhecer tal como eu sou na realidade.	1	2	3	4	5	6
24	Sou um(a) incompetente quando se trata de atingir objetivos ou de levar a cabo uma tarefa no trabalho (ou na escola).	1	2	3	4	5	6
25	Considero-me uma pessoa dependente relativamente ao que tenho que fazer no dia-a-dia.	1	2	3	4	5	6
26	Sinto que uma desgraça (natural, criminal, financeira ou médica) pode atingir-me a qualquer momento.	1	2	3	4	5	6
27	Eu e os meus pais temos tendência a envolvemo-nos demasiado na vida e nos problemas uns dos outros.	1	2	3	4	5	6
28	Sinto que não tenho outro remédio senão ceder à vontade dos outros, caso contrário, eles irão retaliar, zangar-se ou rejeitar-me de alguma maneira.	1	2	3	4	5	6
29	Sou uma boa pessoa porque penso mais nos outros do que em	1	2	3	4	5	6

	mim						
30	Considero embaraçoso exprimir os meus sentimentos aos outros.	1	2	3	4	5	6
31	Esforço-me por fazer o melhor; não me contento com ser suficientemente bom.	1	2	3	4	5	6
32	Sou especial e não devia ser obrigado(a) a aceitar muitas das restrições ou limitações que são impostas aos outros.	1	2	3	4	5	6
33	Se não consigo atingir um objetivo, fico facilmente frustrado(a) e desisto	1	2	3	4	5	6
34	Aquilo que consigo alcançar tem mais valor para mim se for algo em que os outros reparam.	1	2	3	4	5	6
35	Se algo de bom acontecer, preocupa-me que esteja para acontecer algo de mau a seguir.	1	2	3	4	5	6
36	Se não me esforçar ao máximo, é de esperar que as coisas corram mal.	1	2	3	4	5	6
37	Tenho sentido que não sou uma pessoa especial para ninguém.	1	2	3	4	5	6
38	Preocupa-me que as pessoas a que estou ligado(a) me deixem ou me abandonem.	1	2	3	4	5	6
39	Mais tarde ou mais cedo, acabarei por ser traído(a) por alguém.	1	2	3	4	5	6
40	Sinto que não pertença a grupo nenhum; sou um solitário.	1	2	3	4	5	6
41	Não tenho valor suficiente para merecer o amor, a atenção e o respeito dos outros.	1	2	3	4	5	6
42	A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu no que diz respeito ao trabalho (ou à escola).	1	2	3	4	5	6
43	Tenho falta de bom senso.	1	2	3	4	5	6
44	Preocupa-me poder ser fisicamente agredido por alguém.	1	2	3	4	5	6
45	É muito difícil, para mim e para os meus pais, termos segredos íntimos que não contamos uns aos outros, sem nos sentirmos traídos ou culpados por isso.	1	2	3	4	5	6
46	Nas minhas relações com os outros deixo que eles me dominem.	1	2	3	4	5	6
47	Estou tão ocupado(a) a fazer coisas para as pessoas de quem gosto que tenho pouco tempo para mim.	1	2	3	4	5	6
48	Para mim é difícil ser caloroso(a) e espontâneo(a) com os outros.	1	2	3	4	5	6
49	Devo de estar à altura de todas as minhas responsabilidades e funções.	1	2	3	4	5	6
50	Detesto ser reprimido(a) ou impedido(a) de fazer o que quero.	1	2	3	4	5	6
51	Tenho muita dificuldade em abdicar de uma recompensa ou prazer imediato, a favor de um objetivo a longo prazo.	1	2	3	4	5	6
52	Sinto-me pouco importante, a não ser que receba muita atenção dos outros.	1	2	3	4	5	6
53	Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa corre mal.	1	2	3	4	5	6
54	Se não fizer bem o que me compete, mereço sofrer as consequências.	1	2	3	4	5	6
55	Não tenho tido ninguém que me ouça atentamente, que me	1	2	3	4	5	6

	compreenda ou que perceba os meus verdadeiros sentimentos e necessidades.						
56	Quando sinto que alguém de quem eu gosto se está a afastar de mim, sinto-me desesperado.	1	2	3	4	5	6
57	Sou bastante desconfiado quanto às intenções das outras pessoas.	1	2	3	4	5	6
58	Sinto-me afastado(a) ou desligado dos outros.	1	2	3	4	5	6
59	Sinto que nunca poderei ser amado por alguém.	1	2	3	4	5	6
60	Não sou tão talentoso(a) no trabalho como a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5	6
61	Não se pode confiar no meu julgamento em situações do dia-a-dia.	1	2	3	4	5	6
62	Preocupa-me poder perder todo o dinheiro que tenho e ficar muito pobre ou na miséria.	1	2	3	4	5	6
63	Sinto frequentemente que é como se os meus pais vivessem através de mim — não tenho uma vida própria.	1	2	3	4	5	6
64	Sempre deixei que os outros escolhessem por mim; por isso, não sei realmente aquilo que quero para mim.	1	2	3	4	5	6
65	Tenho sido sempre eu quem ouve os problemas dos outros.	1	2	3	4	5	6
66	Controlo-me tanto que as pessoas pensam que não tenho sentimentos ou que tenho um coração de pedra.	1	2	3	4	5	6
67	Sinto sobre mim uma pressão constante para fazer coisas e atingir objetivos.	1	2	3	4	5	6
68	Sinto que não devia ter que seguir as regras e convenções habituais que as outras pessoas têm que seguir.	1	2	3	4	5	6
69	Não me consigo obrigar a fazer coisas de que não gosto, mesmo quando sei que é para o meu bem.	1	2	3	4	5	6
70	Quando faço uma intervenção numa reunião ou quando sou apresentado a alguém num grupo, é importante para mim obter reconhecimento e admiração.	1	2	3	4	5	6
71	Por muito que trabalhe, preocupa-me poder ficar na miséria e perder quase tudo o que possuo.	1	2	3	4	5	6
72	Não interessa porque é que cometi um erro; quando faço algo errado, há que pagar as consequências.	1	2	3	4	5	6
73	Não tenho tido uma pessoa forte ou sensata para me dar bons conselhos e me dizer o que fazer quando não tenho a certeza da atitude que devo tomar.	1	2	3	4	5	6
74	Por vezes, a preocupação que tenho com o facto de as pessoas me poderem deixar é tão grande, que acabo por as afastar.	1	2	3	4	5	6
75	Estou habitualmente à procura de segundas intenções ou do verdadeiro motivo por detrás do comportamento dos outros.	1	2	3	4	5	6
76	Em grupo, sinto sempre que estou de fora.	1	2	3	4	5	6
77	Sou demasiado inaceitável para me poder mostrar tal como sou às outras pessoas ou para deixar que me conheçam bem.	1	2	3	4	5	6
78	No que diz respeito ao trabalho (ou à escola) não sou tão inteligente como a maior parte das pessoas.	1	2	3	4	5	6
79	Não tenho confiança nas minhas capacidades para resolver	1	2	3	4	5	6

	problemas que surjam no dia-a-dia.						
80	Preocupa-me poder estar a desenvolver uma doença grave, ainda que não tenha sido diagnosticado nada de grave pelo médico.	1	2	3	4	5	6
81	Sinto frequentemente que não tenho uma identidade separada da dos meus pais ou companheiro(a).	1	2	3	4	5	6
82	Tenho imenso trabalho para conseguir que os meus sentimentos sejam tidos em consideração e os meus direitos sejam respeitados.	1	2	3	4	5	6
83	As outras pessoas consideram que faço muito pelos outros e não faço o suficiente por mim.	1	2	3	4	5	6
84	As pessoas acham que tenho dificuldade em exprimir o que sinto.	1	2	3	4	5	6
85	Não posso descuidar as minhas obrigações de forma leviana, nem desculpar-me pelos meus erros.	1	2	3	4	5	6
86	Sinto que o que tenho para oferecer tem mais valor do que aquilo que os outros têm para dar.	1	2	3	4	5	6
87	Raramente tenho sido capaz de levar as minhas decisões até ao fim.	1	2	3	4	5	6
88	Receber muitos elogios dos outros faz-me sentir uma pessoa que tem valor.	1	2	3	4	5	6
89	Preocupa-me que uma decisão errada possa provocar uma catástrofe.	1	2	3	4	5	6
90	Sou uma pessoa má que merece ser castigada.	1	2	3	4	5	6

© 2005 Jeffrey Young, Ph. D. Special thanks to Gary Brown, Ph.D., Scott Kellogg, Ph.D., Glenn Waller, Ph.D., and the many other therapists and researchers who contributed items and feedback in the development of the YSQ. Unauthorized reproduction without written consent of the author is prohibited. For more information, write: Schema Therapy Institute, 36 West 44th St., Ste. 1007, New York, NY10036.